



**Catarina Filipa Correia Oliveira** **Estudantes migrantes na UA: motivações e necessidades**



**Catarina Filipa Correia Oliveira** **Estudantes migrantes na UA: motivações e necessidades**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas e Relações Empresariais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Gillian Grace Owen Moreira, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

*Aos meu país,  
Pela compreensão e apoio*

## **o júri**

presidente

**Prof. Doutora Maria Teresa Costa Gomes Roberto**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Maria Cristina do Nascimento Rodrigues Madeira de Sousa  
Gomes**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Prof. Doutora Gillian Grace Owen Moreira**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientadora).

## **agradecimentos**

Ao meu pai e à minha mãe,  
Por me ensinarem a ver que o mundo vai além daquilo que está diante dos  
nossos olhos e por nunca me terem faltado em nada;

Ao meus amigos e família,  
Por me elevarem o espírito quando me desânimo tomou conta de mim;

À minha orientadora,  
Pela paciência e orientação ao longo de todo este trabalho.

**palavras-chave**

Integração, Adaptação, Migração, Estudantes internacionais

**resumo**

O ser humano ao longo da sua vida está sujeito a várias mudanças que podem causar muito transtorno. A mudança do ensino secundário para o ensino superior pode representar, por si só, um processo doloroso. Se a esta juntarmos a mudança de país, de ambiente familiar e de cultura, podemos estar perante um choque cultural de grandes dimensões. Daí surge a importância de se perceber em que pontos as instituições podem prestar apoio de modo a minimizar os danos que podem advir da nova realidade que se impõe a estes estudantes.

Neste contexto, pretende-se recolher informações de um determinado grupo de estudantes da Universidade de Aveiro e tentar verificar as motivações por detrás das suas escolhas, os problemas com que estes se deparam no contexto académico e social e posteriormente tentar formular algumas soluções que permitam que a passagem destes estudantes por esta instituição seja a mais harmoniosa possível.

**keywords**

Integration, Adjustment, Migration, Internacional Students

**abstract**

Throughout his life the human being has been subject to several inconvenient changes. The transition from secondary to higher education can represent, by itself, a painful process.

If we add a change of country, family environment and culture, we may be facing a cultural shock of large dimensions. Therefore it is important to realize that there are certain aspects that the institutions may provide support in order to facilitate the integration of these new students.

In this context, we intend to collect information from a certain group of students of the University of Aveiro and try to verify the reasons behind their choices, the problems that they encounter in the academic and social context and subsequently try to formulate some solutions that allow an harmonious passage of these students by the institution.

## ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS.....	V
ÍNDICE DE TABELAS.....	VI
ÍNDICE DE ABREVIATURAS .....	VII
INTRODUÇÃO.....	VIII
PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA .....	1
CAPÍTULO I – O FENÓMENO MIGRATÓRIO .....	1
Conceitos & tipologias .....	1
Principais teorias migratórias .....	5
Panorama migratório mundial .....	11
Panorama migratório na União Europeia .....	14
Panorama migratório português.....	16
CAPÍTULO II – PROCESSO DE INTEGRAÇÃO .....	23
Conceito - integração.....	23
Modos de incorporação de imigrantes .....	25
Modelos teóricos de incorporação/integração .....	27
Políticas de integração.....	29
Conceito – aculturação .....	33
CAPÍTULO III. MIGRAÇÃO ACADÉMICA .....	35
Estatísticas portuguesas.....	35
Universidade de Aveiro .....	36
Mobilidade estudantil .....	38
Adaptação Académica .....	41
Análise de estudos .....	43
PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO .....	49
CAPITULO IV - NATUREZA E PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO .....	49



Justificativa para a escolha do tema .....	49
Objetivos.....	50
Interrogações.....	50
Descrição da amostra .....	50
Plano de trabalho.....	51
CAPÍTULO V - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS.....	53
Caraterização de problemas .....	59
Limitações .....	63
Interpretação e discussão dos resultados .....	64
CONCLUSÕES.....	69
BIBLIOGRAFIA.....	72
ANEXOS.....	79
Anexo 1 - Inquérito.....	80
Anexo 2 – Segundo Inquérito .....	85

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo explicativo da Teoria push-pull segundo Lee (1969) .....	7
Figura 2 - Imigração na UE por continente 2009.....	15
Figura 3 - Três graus de receção diferentes .....	26
Figura 4 - Evolução do número de alunos estrangeiros da Universidade de Aveiro .....	37
Figura 5 - Estudantes da CPLP: País de Origem [2006-2010] .....	37
Figura 6 - Estudantes internacionais (exceto CPLP):proveniência .....	37
Figura 7 - Estudantes por ciclo de estudos e por sexo.....	53
Figura 8 – Estudantes por nacionalidade.....	54
Figura 9 - Estudantes por mobilidade .....	54
Figura 10 - Habilitações académicas dos progenitores .....	55
Figura 11 - Regularidade das visitas aos familiares .....	55
Figura 12 - Anos de convivência entre o grupo de amigos.....	56
Figura 13 - Motivação para continuação de estudos.....	58
Figura 14 - Motivação para prosseguir estudos fora do país de origem .....	58
Figura 15 - Motivações para escolha da UA .....	59

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - População migrante internacional em 2010 .....	12
Tabela 2 - Imigrantes por grupos de origem, Portugal, 2008-2010.....	17
Tabela 3 - Principais comunidades africanas a residir em Portugal [2010-2011].....	19
Tabela 4 - Saída por grupos, Portugal, 2008 - 2010 .....	20
Tabela 5 - Inscritos no ensino superior [2000- 2011] por sexo e nacionalidade .....	36

## ÍNDICE DE ABREVIATURAS

OCDE - *Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico*

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

OIM - Organização internacional de Migração

INE - Instituto nacional de estatística

SEF – Serviços de Estrangeiros e Fronteiras

SEFSTAT – Portal de Estatística dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras

ONU – Organização das Nações Unidas

UE – União Europeia

UA – Universidade de Aveiro

EUROSTAT - Serviço de Estatística da União Europeia

CPLP – Comunidade de Países de Línguas Portuguesa

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Dialogo Intercultural

OI – Observatório de Imigração

OE – Observatório de emigração

EUA – Estados Unidos da América

DLC – Departamento de Línguas e Culturas

DEGEI – Departamento Economia, Gestão e Engenharia Industrial

DCSPT – Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território

ACIME - Alto Comissariado para a Imigração e Dialogo Intercultural

GRI – Gabinete de Relações Internacionais

ESN – *Erasmus Student Network*

CICDR - Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial

GPEAR/MEC – Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais/ Ministério Educação e Cultura

## INTRODUÇÃO

Os fluxos migratórios têm, desde sempre, um quadro de existência na história mundial e na história de Portugal. A manifestação de interesse na temática de migração internacional tem vindo ao longo dos tempos a alterar-se (Peixoto, 2004:3).

Reconhecido como sendo, tradicionalmente, um país gerador de emigrantes, nos últimos anos, esta tendência tem vindo a sofrer algumas alterações. Uma das maiores contribuições foi a entrada de Portugal para União Europeia. Este ponto assinalou um marco de desenvolvimento económico para o país e a reestruturação das políticas de imigração nacionais. Portugal passa a possuir normas menos restritivas, condição imposta pela assinatura do Acordo de Schengen.<sup>1</sup>

Contudo, na realização deste trabalho, dedicado ao estudo da migração em contexto académico, o convénio que mais se destaca de todos os que foram assinados foi a Declaração de Bolonha. Esta declaração marca sem dúvida um dos maiores passos dados para estabelecer uma política educativa comum no espaço europeu. Diferenciando-se, nesta medida, das outras iniciativas de incentivo e apoio à mobilidade académica introduzidas a nível europeu.

Neste trabalho iremos fazer a distinção entre a mobilidade académica de curta duração, realizada no âmbito de Programa Erasmus, por exemplo, e a ideia de mobilidade introduzida no quadro da Declaração de Bolonha, onde se prevê o desenvolvimento de oportunidades de educação transnacional e estruturada. No entanto, a existência de políticas europeias nesta área fez com que a mobilidade estudantil nas instituições de ensino superior em Portugal aumentasse, trazendo estudantes de muitos países europeus e possibilitando a ida dos estudantes portugueses para uma variedade de destinos.

Por outro lado, existem outras medidas que facilitam a mobilidade de estudantes no nosso país, for exemplo os acordos bilaterais entre vários países fora do espaço europeu. Entre estas medidas, as que mais se destacam dizem respeito às principais comunidades imigratórias instaladas no país, da CPLP. As comunidades do Brasil e dos PALOP representam as duas maiores fatias de imigrantes presentes no país e isso reflete-se também na sua presença nas instituições de ensino superior, onde um número crescente de estudantes destes países e de Timor Leste procuram realizar os seus estudos.

---

<sup>1</sup> Este acordo trata-se de uma convenção estabelecida entre países europeus que se marca pela instauração de política de abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas entre os países signatários.

Um outro grupo ao qual também há que dar destaque são os emigrantes “retornados”, neste caso em concreto, são principalmente filhos e netos de emigrantes, pessoas que apesar de algumas não terem nascido em Portugal, foram capazes de manter os seus laços afetivos com o país de origem.

No presente estudo, interessou-nos, particularmente, conhecer as motivações dos estudantes do ensino superior com *background* migrante, e os fatores subjacentes, quer para a continuação de estudos, quer para a escolha da Universidade de Aveiro como a instituição de ensino superior para a realização dos estudos. Interessou-nos, ainda estabelecer o perfil do estudante com *background* migrante e identificar alguns problemas de ordem social e académica que lhe são impostos.

Neste contexto, organizou-se o trabalho em três partes: uma contextualização de base teórica, um enquadramento metodológico e um breve estudo de caso.

A contextualização teórica encontra-se dividida em 3 capítulos: um primeiro relacionado com a descrição do fenómeno migratório, onde se definiu o conceito de migração e as tipologias a ele associadas. Uma vez que o âmbito deste trabalho passa por tentar compreender as motivações dos estudantes, tornou-se pertinente a abordagem da temática das teorias das migrações, para tentar conhecer melhor os fatores determinantes de uma migração. No seguimento, abordou-se o panorama migratório que aborda três prestativas distintas. Visto que se trata de uma temática relacionada com deslocamento internacional, optou-se por abordar, principalmente recorrendo as dados estatístico a migração internacional, para melhor compreendermos o fenómeno e as estatísticas portuguesas, incluímos também alguns apontamentos sobre o assunto a nível europeu. A nível nacional destacar que abordamos a temática atendendo a quem entra e a quem e fornecendo alguns dados sobre as principais comunidades migratórias do país. No Capítulo 2 deu-se um enfoque ao processo de integração. Além conhecer um pouco melhor o conceito através das visões de alguns autores, optamos também por dar a conhecer um pouco melhor o modo de incorporação dos imigrantes, assim como três dos principais modelos teóricos de integração como é o caso do multiculturalismo, segregação e assimilação. No caso deste ultimo, aprofundamos um pouco mais o conceito de aculturação até estabelecer uma ligação com o conceito *acculturive stress* que será aprofundado no capítulo seguinte.

Aborda-se também um pouco a políticas de integração que são aplicadas em Portugal, assim como a perspetiva que os portugueses têm face dos imigrantes.

No último capítulo, intitulado “Migração Académica” analisam-se alguns conceitos relacionados com mobilidade académica e as modalidades de mobilidade.

Pareceu pertinente, também incluir um capítulo que apresentasse os dados estatísticos e informações sobre a população estudantil estrangeira em Portugal e na Universidade de Aveiro a fim de perceber o peso que o tema das migrações académicas tem no panorama educativo nacional e na instituição.

Neste capítulo, aborda-se também os problemas de adaptação dos alunos estrangeiros a uma nova cultura, ambiente académico e social.

Na segunda parte do trabalho, descrevemos o enquadramento metodológico do estudo de caso. Explicamos a natureza e as problemáticas da investigação, descrevendo o estudo, delimitando o problema e explicitando os objetivos e as hipóteses formuladas, o objeto e amostra do estudo.

Por último nesta parte, apresentamos uma descrição pormenorizada da metodologia utilizada, o plano de investigação e todas as partes que o constituem.

Na última parte deste trabalho, apresentamos a análise e interpretação dos dados recolhidos segundo a metodologia selecionada, focando-nos nos estudantes, a sua caracterização geral, as suas motivações, necessidades, problemas e expectativas para a elaboração das conclusões e recomendações.





# PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

## CAPÍTULO I – O FENÓMENO MIGRATÓRIO

Fenómeno tão antigo quanto o é a construção de grupos humanos e a permanência das razões que os levam, de tempos a tempos, a mudar de local de residência e atividade

Rocha – Trindade (1995:18)

Os movimentos populacionais sempre existiram ao longo da história (Rocha-Trindade, 2001; Massey, 1993:431), e na era da globalização, a migração tornou-se um fenómeno de grande importância nas sociedades. Assim este capítulo tem como objetivo a contextualização do conceito de migração, enquadramento e a análise dos fatores determinantes no processo de migração através de uma breve abordagem a algumas teorias relacionadas com este fenómeno, quer de ordem social, quer de ordem económica. Também se aborda a realidade migratória mundial e europeia com especial enfoque sobre os fluxos migratórios portugueses.

De modo complementar, analisamos também as principais comunidades que se têm vindo a instalar em Portugal ao longo das últimas décadas, como é, o caso do Brasil, Cabo verde; Angola, Guiné-Bissau, Ucrânia e os emigrantes retornados, salientando a contextualização histórica do fluxo e estabelecendo uma breve caracterização destas.

### Conceitos & tipologias

Everyone has the right to freedom of movement and residence within the borders of each state.

Everyone has the right to leave any country, including his own, and to return to his country.

(Declaração Universal dos Direitos do Homem - Artigo 13)

Há mais de meio século que a Declaração Universal dos Direitos do Homem veio garantir a migração como um direito fundamental e estabelecer que o direito à nacionalidade e a requisição de asilo são também direitos do ser humano.

Trata-se de um reconhecimento muito importante pois para além de ser um dos fenómenos mais antigos da história, ainda representa atualmente uma realidade, dado que à escala global existem mais pessoas deslocadas do que em qualquer outro

momento da história humana. Segundo a OIM (Organização Internacional de Migração)<sup>2</sup> estima-se que existam 214 milhões de pessoas a viver fora do seu local de nascimento; isto representa aproximadamente três por cento da população mundial, ou seja, 1 em cada 35 pessoas é migrante.

Segundo Peixoto (2004:3), este é um fenómeno que nem sempre mereceu a atenção que recebe agora por parte da comunidade científica mundial. Contudo, o relevo que a temática foi adquirindo ao longo dos anos fez com que cada vez mais estudiosos se debruçassem sobre o assunto. Segundo Jansen (1969:60, cit. In Peixoto, 2004:1):

a migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema económico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios económicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afetados pela migração e, em contrapartida, afetam o migrante.

Por ser um fenómeno tão relevante na realidade das diferentes vertentes da sociedade mundial e se tratar de um objeto de estudo com características multidisciplinares, torna-se importante compreender e explicar o significado do conceito de migração para contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno migratório

Segundo o INE<sup>3</sup>, a migração trata-se da “*deslocação de uma pessoa através de um determinado limite espacial, com intenção de mudar de residência de forma temporária ou permanente. A migração subdivide-se em migração internacional (migração entre países) e migração interna (migração no interior de um país)*”.

Também o autor Pena Pires (2003:57-58) refere a migração como o movimento de qualquer população, de caráter temporário ou permanente entre espaços geográficos distintos. Contudo Rocha-Trindade (1995:31, cit. in Pereira, 2007) advoga que deslocações regulares, mesmo de longa distância, para um local de trabalho ou para visitar um familiar não se enquadram na designação de migração.

---

<sup>2</sup> No relatório “World migration report 2011”, [em linha] [http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR2011\\_English.pdf](http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR2011_English.pdf) [consultado a 03/03/2012]

<sup>3</sup> Artigo disponível na [url:\[http://www.alea.pt/html/actual/pdf/actualidades\\_40.pdf\]](http://www.alea.pt/html/actual/pdf/actualidades_40.pdf), consultado em 03/03/2012

De acordo como o mesmo autor, a migração tem duas subdivisões: o termo emigração designa a saída de um indivíduo do país de origem ou residência legalmente reconhecida, por um tempo de duração significativa. Por outro lado, os indivíduos que entram num país diferente do país de origem inserem-se no que é designado de imigração.

Contudo, estes conceitos não abordam toda a complexidade em torno da temática, pois os tipos de migrantes são também uma parte muito importante, conferem-lhe o seu caráter multidisciplinar. Em termos de tipologias, Rocha-Trindade (1995), Malheiros (1996), Peixoto (2004) & Pena Pires (2003; cit. Pereira, 2007:17) esclarecem que estas podem estar agrupadas pelos mais diversos critérios: espaciais, temporais, motivacionais, socio económicos, jurídicos, entre outros. Segundo os autores, algumas das principais tipologias dizem respeito à condição da migração, se esta for forçada ou voluntária, à duração temporal ou ao tipo de fronteira transposta, realizando a diferenciação entre migrações internas e internacionais. Tendo em atenção as diferentes características atribuídas pelos autores à migração, podem-se estabelecer diferentes tipos de perfis migrantes, a saber:

- Imigração irregular ou ilegal: diz respeito à permanência num país diferente ao de origem sem que para tal lhe seja atribuído um visto ou autorização de permanência por parte da entidade pública competente (Peixoto,2007:72). Este perfil refere-se principalmente a pessoas que efetuam o seu deslocamento com intenções de trabalho, apesar de não disporem de autorização legal para isso têm esse objetivo em mente.
- Imigração laboral temporária: Abrange trabalhadores cuja deslocação de um país para o outro detém características de permanência temporárias. Importa referir que dado o caráter de duração, o esforço de adaptação e integração não implica um esforço da mesma dimensão, dos que os que o fazem com caráter permanente.
- Reunificação familiar: Pessoas que têm um ou mais membro da família fora do país de origem e que optam por deslocar todo o seu agregado familiar. Até à década de 70 este fenómeno era considerado um direito dos imigrantes, contudo, desde essa data que este fato tem vindo a ser contestado. Sendo que na Europa existem leis que têm vindo a prevenir a criação de legislação contra a reunião familiar de imigrantes<sup>4</sup>.
- Refugiados: Um refugiado é definido como sendo um indivíduo que devido à existência de um medo fundado de perseguição por motivos de: raça, religião,

---

<sup>4</sup> Disponível na [url:\[www.fd.unl.pt/docentes\\_docs/ma/CUS\\_MA\\_1283.ppt\]](http://www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/CUS_MA_1283.ppt), consultado em 23/05/2012

nacionalidade, pertença a um grupo social particular, ou opção política não pode ou não quer residir no seu país de origem<sup>5</sup>.

- Requerentes de asilo: Os indivíduos que cruzam as fronteiras de um país em busca de proteção, mas não cumprem os critérios estabelecidos na Convenção de 1951 e no Protocolo de 1967. Também podem ser definidos como “imigrantes involuntários” uma vez que emigram para fugir a conflitos, perseguições ou catástrofes<sup>6</sup>.
- *Brain migration*: Pessoas que se enquadram neste perfil são por norma empresários e/ou indivíduos com altas qualificações que se deslocam para países estrangeiros onde identificam oportunidades mais atrativas que no país de origem.
- Migração de retorno: Um fenómeno que se tem vindo a verificar cada vez mais como um resultados da migração temporária ou circular. Estes indivíduos têm um papel de mudança quer económica, social e cultural muito importante no país de retorno.
- Migração de reforma: Em Portugal é principalmente verificável no sul do país, no Algarve, muitos dos habitantes recentes são grupos de reformados, principalmente de nacionalidade inglesa que escolheram por Portugal com país de reforma. Assim, diz respeito a habitantes de países mais ricos que procuram, para a sua reforma, países com melhor clima e/ou custo de vida económico. Este fenómeno tal como acontece com a migração de retorno produz impactos consideráveis nos países de destino, servindo de alavancagem para a criação de novas indústrias de serviços.
- Fenómeno Astronauta: Diz respeito ao deslocamento de todo o agregado familiar para um país diferente do de origem, enquanto o *ganha-pão* da família regressa ao país de origem para trabalhar. As motivações que se prendem a este tipo de migração podem ser as mais variadas desde segurança a estilo de vida.

Assim, de acordo com o que foi acima referido, torna-se necessário estabelecer uma definição mais abrangente, uma vez que, no que diz respeito a indivíduos de *background* migrante, a problematização das tipologias também adquire relevância. Apesar de não existir uma definição que seja aceite no seu todo pelos estudiosos das diversas áreas optou-se por se utilizar uma das definições mais simples e gerais, e que parece abarcar toda a complexidade existente em torno do conceito:

---

<sup>5</sup> Acnur – Disponível na url: [ <http://www.acnur.org/t3/portugues/a-quem-ajudamos/refugiados/>] consultado a 23/05/2012

<sup>6</sup> Acnur - Disponível na url:[<http://www.acnur.org/t3/portugues/a-quem-ajudamos/requerentes-de-asilo/>], consulado em 24/05/2012

The movement of a person or a group of persons, either across an international border, or within a State. It is a population movement, encompassing any kind of movement of people, whatever its length, composition and causes; it includes migration of refugees, displaced persons, economic migrants, and persons moving for other purposes, including family reunification.

(IOM<sup>7</sup>)

Importa referir que, ao longo desta dissertação quando falarmos em migração, não nos estaremos a referir a migrações internas. Uma vez que o intuito deste trabalho é analisar pessoas que advenham de contextos culturais diferentes do português, ou seja abrangeremos apenas migrações internacionais.

### **Principais teorias migratórias**

A busca pela compreensão do fenómeno migratório, levou a que nas últimas duas décadas se tenham dado mudanças de paradigma no estudo das migrações (Gois & Marques, 2008:10).

Um fenómeno que antes se analisava como sendo linear baseando-se na análise de fluxos, relações entre países de origem e destino, retorno, reagrupamento familiar passa a assumir contornos de uma lógica multidirecional analisando as remigrações, migrações circulares, práticas e comunidades transnacionais, etc.

Também a nível dos processos de integração, passa a existir uma análise mais aprofundada da diversidade dos grupos e das suas características e do seu modo de incorporação na sociedade acolhimento. Assim os estudos passam uma dicotomia, por um lado os países de origem centram-se principalmente nas motivações da partida, nas circunstâncias do retorno, nas remessas e no impacto na unidade familiar. Por outro a sociedade de destino focaliza-se na incorporação/integração dos imigrantes (Gois & Marques, 2008).

Assim não é de estranhar que uma grande parte dos modelos de explicação causal esteja direcionada para análises da demografia, economia e sociologia. Nestes casos, os dados de análise baseiam-se nas flutuações do mercado de trabalho, alterações nas taxas demográficas e na criação de redes sociais. Em termos de perspetivas, a economia visualiza a migração internacional como um fenómeno que contribui para a alteração de salários entre países em vias de desenvolvimento, sendo que, quando alcançado o equilíbrio dos fluxos migratórios, resultará num equilíbrio a longo prazo no mercado de

---

<sup>7</sup>OIM – Disponível na url:[ <http://www.iom.int/cms/render/live/en/sites/iom/home/about-migration/key-migration-terms-1.html#Migration>], consultado em 14/03/2012

trabalho (Neto & Ferreira, 2005; cit. in Gomes, n/a). Em traços gerais, os modelos económicos tentam explicar as motivações para a partida e as implicações a nível económico que isso poderá trazer quer para os países de chegada, quer para o de origem.

Por seu lado, os sociólogos centram-se principalmente no aparecimento de redes sociais que potenciam e facilitam a chegada de novos imigrantes, através do préstimo de apoio na procura de trabalho, alojamento e mesmo adaptação cultural. Focalizam-se na continuidade dos fluxos e nas implicações que isso acarreta para cada uma das sociedades (de partida e destino).

Uma outra abordagem também pertinente é a baseada nos princípios das teorias políticas. Estas começaram a surgir na década de 80 e fazem uma análise do fenómeno migratório do ponto de vista das ciências políticas públicas abrangendo o controlo dos fluxos (de saída e de entrada). Analisam, ainda, as ramificações do fenómeno, tais como: políticas de integração, de asilo e naturalização de estrangeiros.

Esta multidisciplinaridade em torno do estudo das migrações gera grande controvérsia e torna o tema muito complexo (Peixoto, 2004:3).

Com o intuito de melhor compreender o fenómeno, em especial alguns dos fatores determinantes na decisão de migração, esta parte do trabalho tem como objetivo analisar alguns dos argumentos teóricos dos diferentes autores acerca da migração internacional.

As primeiras teorias explicativas (Peixoto, 2004:4) surgiram em 1876 por aquele que é considerado o pioneiro nos estudos migratórios, o geografo alemão Ernest Ravenstein. Segundo Peixoto (2004:4), a obra deste autor é considerada como sendo a principal base de reflexão por parte de todos os autores para elaboração dos seus próprios pressupostos e construção de novas perspetivas.

A obra de Ravenstein intitulada “Leis da Migração” (1876)<sup>8</sup> parte do princípio da existência de dois tipos de fatores que conduzem a uma motivação migratória (Peixoto, 2004:4-5; Tobler, 1995:1-2). Os primeiros são os fatores de repulsão (*push*) e tratam-se das situações que propiciam um clima de insatisfação com o local onde um individuo está instalado; os outros denominados de fatores de atração (*pull*) dizem respeito aos atributos que um local detém que o torna desejável (Fonseca, 2005:72; cit. in Velez de Castro,2012:2).

Este último, o fator *pull*, representa um elevado risco, uma vez que pode estabelecer nas pessoas uma expectativa não correspondente à realidade. Um exemplo disso poderia ser

---

<sup>8</sup> RAVENSTEIN, E.G.. (1889), *The laws of migration*, Journal of the Royal Statistical Society, Vol. 52, Part II, pp. 241-301

o êxodo rural para as grandes cidades na época da revolução industrial. Criava-se a expectativa que a vida na cidade seria mais fácil, sem a necessidade de laborar de sol a sol, nem de estar sujeito ao trabalho físico abusivo com rendimentos extremamente baixos.



**Figura 1 - Modelo explicativo da Teoria push-pull segundo Lee (1969)<sup>9</sup>**

Fonte: Adaptado de Velez de Castro (2012)

Desta forma, apesar da teoria *push-pull* parecer, à partida, a explicação adequada para todos os movimentos migratórios, na verdade, o modelo *push-pull* não tem em consideração obstáculos relevantes que se interponham entre a perceção e a concretização do deslocamento.

No seguimento do trabalho de Ravenstein, surge em 1969, Everest Lee, um demógrafo americano que aperfeiçoa o trabalho de Ravenstein, por o considerar muito simplista. Este autor vai além de fatores de cariz negativo – positivo, considerando que tem de se ter em conta outras variáveis (Gráfico 1).

O ato de migrar é também influenciado por fatores pessoais de índole psicológica e circunstancial, capazes de se sobreporem a simples equações de custos/benefícios na decisão de migrar (Velez, 2012).

<sup>9</sup> LEE, E. S. (1969), *A theory of migration*, em Jackson, J.A., *Migration*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 282-297

Na maioria dos casos os migrantes, mesmo se migram em função de um cálculo racional de custos-benefícios, fazem esse cálculo num espaço de comparabilidade muito limitado, o que não permite descrever o seu resultado com o critério da maximização.

(Pires, 2003:70 - 73; cit in Velez de Castro, 2012:4)

Numa perspetiva de índole económica surge a teoria da escola neoclássica, estabelecida por Lewis em 1954<sup>10</sup>. Trata-se, segundo Marques (2008:62; cit. in Castro, 2011:23), de uma das “*principais herdeiras dos modelos de atração e repulsão*”.

Esta teoria pode ser abordada de dois modos: por um lado a abordagem macroeconómica que se caracteriza pela influência dos mecanismos do mercado de trabalho (diferenças salariais e as diferenças nas condições de trabalho) nos fluxos internacionais (Massey, *et al.*, 1993:433-434); por outro, há também a abordagem microeconómica em que o fenómeno é visto como se tratando de um investimento em capital humano. Há uma ponderação e racionalização dos custos e benefícios passíveis de gerarem um retorno positivo, normalmente financeiro, no país de chegada.

Segundo Tobler (1995:2), trata-se de uma teoria muito criticada, pois parte do pressuposto que o indivíduo possui já um vasto conhecimento da sociedade de chegada, algo que pode não ser de toda realidade.

Não esqueçamos que a decisão não está somente pendente do individuo. Os governos e patronato da sociedade de chegada têm um papel ativo neste processo, uma vez que através da imposição de restrições podem bloquear o seu acesso ao mercado de trabalho (Castles & Miller 1993, pp. 19-21; cit. in Tobler, 1995:2).

A existência de lacunas e fragilidades nos modelo *push-pull* e na teoria neoclássica fez com que se desenvolvessem novas formulações e interpretações nos estudos das migrações com base naquela que é chamada a nova economia da migração. Esta abordagem consiste na análise da migração não como um ato isolado de um individuo, mas como uma ação de um coletivo, que toma as decisões tendo em conta as relações interpessoais ou seja, abarcando toda uma envolvente social que vai desde a família à comunidade em si.

Isto traz vantagens, pois permite maximizar os rendimentos e minimizar os riscos e constrangimento relacionado com os vários mercados de trabalho (Massey,1998:21). Contudo, esta abordagem é semelhante à proposta neoclássica, uma vez que se

---

<sup>10</sup> LEWIS, W. Arthur (1954). “Economic Development with Unlimited Supplies of Labor,” Manchester School of Economic and Social Studies, Vol. 22, pp. 139-91.



encontra centralizada na procura e nas motivações que levam os indivíduos a envergar pela migração para busca de trabalho.

Neste contexto, torna-se relevante a teoria de índole económica do mercado de trabalho segmentado estabelecida pelo autor Piore (1979). Esta parte do princípio do processo de recrutamento, ou seja, sustenta que a migração apenas ocorre devido à existência de uma necessidade de mão-de-obra imigrante para determinados trabalhos, sendo que tem a particularidade de diferenciar trabalho para autóctones e imigrantes. Os imigrantes surgem para realizar os trabalhos que os autóctones não ambicionam, ou porque se trata de trabalho sujo ou pesado ou mal pago.

Perante esta perspetiva, o mercado de trabalho poderia dividir-se em dois segmentos distintos o primário e o secundário. O imigrante neste modelo adquire um papel de passividade ficando-se pelo setor secundário onde os salários são baixos e as condições de trabalho são mais instáveis não perspetivando qualquer tipo de ascensão na hierarquia social, por oposição, os nativos preferem o setor primário onde os trabalhos são mais seguros e existe a possibilidade de ascensão social.

A disjunção dos padrões de vida entre os países desenvolvidos e as sociedades em desenvolvimento significa que os salários baixos, mesmo no estrangeiro parecem ser generosos para os padrões da comunidade de origem; e apesar de um migrante perceber que o trabalho executado por estrangeiros é de baixo *status* no exterior, ele não se vê como uma parte da sociedade de destino. Ao contrário, ele vê-se como um membro da sua comunidade de origem, dentro da qual trabalhar no estrangeiro e enviar remessas é considerado honra e prestígio.

(Massey, et al., 1998:442)

Os críticos desta teoria apontam que ao privilegiar a procura por parte dos trabalhadores como causa da migração internacional acaba por se menosprezar os fatores que se encontram do lado da oferta dos mercados de trabalho. Neste encadeamento, surge a teoria do sistema-mundo que procura ultrapassar esta lacuna ao estabelecer ligações entre países de origem e chegada. Este modelo define as migrações como “*uma dinâmica interna de um sistema único, o mundo económico capitalista*” (Mateos, 2004:91; cit. in Castro, 2011:25). Com a entrada do capitalismo em certas áreas periféricas com o objetivo de procurar riquezas como matérias-primas, criou na população uma pré-disposição para a migração.

Esta mobilidade geográfica não é apenas exclusiva dos trabalhadores, mas também da movimentação do capital, uma vez que as empresas de regiões capitalistas mobilizam

toda a sua estrutura para países em vias de desenvolvimento para poder retirar proveito do diferencial de salário (Massey *et al.*, 1993:445). Assim cidades que concentrem atividades financeiras e administrativas de serviços e de produção de alta tecnologia são polos de grande atratividade para os imigrantes.

Todas estas teorias estão focalizadas na origem da migração. Contudo, para Massey, *et al.* (1993:445-449) a migração poderá até iniciar-se devido à ambição da obtenção de maiores rendimentos, mas esta pode ser diferente das motivações que fazem o indivíduo continuar a ser migrante. Assim, à luz de estudos recentes surge a teoria dos sistemas migratórios. Estes são constituídos por dois ou mais países que estabelecem um sistema de trocas de migrantes entre si. Há um acordo prévio entre os países, facilitador dos movimentos migratórios, ou seja resulta da interação entre as macro e micro estruturas.

As macros-estruturas são aquelas que estão ligadas aos fatores institucionais como: economia e política do mercado global, relações internacionais, leis e regulamentações estabelecidas pelos países, quer de origem, quer de chegada, entre outros. As microestruturas dizem respeito às redes sociais. A existência de redes de entreajuda entre migrantes potencia a motivação para o ato migratório. Segundo Velez de Castro (2012:5), um imigrante que possua alguém já estabelecido num determinado local de destino irá optar por deslocar-se para esse destino, para beneficiar da ajuda que outros possam prestar. Os laços de amizade e familiares são utilizados como uma rede de apoio para ligar indivíduos e grupos distribuídos em diferentes locais, de forma a maximizar as suas oportunidades económicas através de deslocamentos múltiplos e minimizar os riscos e constrangimentos que podem decorrer do processo de deslocamento.

No entanto, existe também a problemática da existência de redes ilegais a ter em consideração, no geral esta teoria estabelece a rede como elemento de motivação e facilitador para a saída do país de origem.

Conjuntos de associações recorrentes entre grupos de pessoas ligadas por laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. As redes sociais são importantes na vida económica, na medida em que são meios de aquisição de recursos escassos, como o capital e a informação, e porque impõem simultaneamente constrangimentos eficientes à prossecução ilimitada dos interesses pessoais.

(Portes, 1999:12-13)

Uma outra teoria que surgiu relativamente ao fenómeno em estudo é conhecida como teoria transnacional. Esta descreve a maneira em que o local passa a ser global, e como todas as partes do globo estão agora muito mais interrelacionadas através dos mercados

económicos, informação e disseminação cultural. Ou seja, esta teoria surge da constatação de que os migrantes mantêm contacto entre os países de acolhimento e o de origem, não estando 'presos' à sua herança cultural. Pelo contrário, tratam-se, na realidade, de indivíduos que se movem livremente entre fronteiras, culturas e diferentes sistemas sociais, influenciando ambas as comunidades quer a nível económico quer a nível social (Góis, 2006:152).

Segundo Castles (2005:81), *"o termo transmigrante pode ser utilizado para identificar pessoas cuja existência é moldada através da participação em comunidades transnacionais estribadas na imigração"*. Contudo, o autor advoga que nem todos os imigrantes podem ser categorizados como tal. Imigrantes a trabalhar num determinado país de destino, que pretendem um dia retornar ao país de origem, ou emigrantes a trabalhar no estrangeiro que desejem regressar a Portugal, não são considerados transmigrantes.

Uma outra característica deste modelo é a utilização do termo comunidades transnacionais que são definidas *"como grupos, baseados em dois ou mais países, envolvidos em atividades transfronteiriças significativas, recorrentes e duradouras, que podem ser de natureza econômica, política, social ou cultural"* (Castles, 2005:80).

## **Panorama migratório mundial**

A globalização é uma realidade que, através da interligação das economias mundiais, principalmente através das trocas de bens, serviços e fluxos financeiros, conhecimentos e mão-de-obra tem vindo a modificar cada vez mais a visão que se tem do mundo.

Num sentido lato a globalização é designada como sendo a utilização das novas tecnologias da informação, comunicação internacional e os deslocamentos ao estrangeiro. Contudo, vai além disso, trata-se de um fenómeno mensurável através do grau de integração das economias e das sociedades, podendo ter como principais indicadores o comércio internacional e os fluxos de capitais internacionais.

Nesse aspeto, se analisarmos a progressão da globalização ao longo dos últimos anos podemos ver que há registos de uma progressão notável.

A título de exemplo, as trocas externas mundiais em 1990 representavam aproximadamente 32,5% do produto interno bruto mundiais, por seu lado em 2001 esse valor já ascendia aos 40%, ou por exemplo, o caso da China que em 1993 tinha apenas cerca de 2000 utilizadores número esse que em 2004 cresceu exponencialmente, chegando atingir os 94 milhões.

Cada vez mais as pessoas adquirem uma consciência do que é o mundo e do significado de ser global. Essa mudança de paradigma que tem contribuído para evolução do fenômeno da globalização.

Esta toma de consciência cria, em alguns casos involuntariamente, uma certa abertura nas sociedades para com novas culturas o que contribuiu para a ideia que cada país é tanto uma porta de entrada, quanto uma porta de saída. Deste modo a dinâmica do fenômeno migratório deve ser encarada como um processo em que se torna crucial avaliar o seu impacto no desenvolvimento global e na proteção do indivíduo migrante. Esta necessidade torna-se visível se, se tiver consideração os dados da ONU (2011) relativamente à migração, valor que segundo as estimativas se acredita que seja de pelo menos 214 milhões de pessoas.

A Europa, que foi, através dos descobrimentos e pelos processos de colonização, a grande impulsionadora no fenômeno da migração, é atualmente, segundo o Relatório da ONU (2011),o continente com maior taxa de população migrante, seguida por muito perto quer pela Ásia e pela América do Norte (tabela 1).

<b>Continente</b>	<b>Nº migrantes (milhões)</b>
Europa	69,8
Ásia	61,3
América do Norte	50,0
África	19,3
América Latina	7,5
Oceânia	6,0

**Tabela 1 - População migrante internacional em 2010**

**Fonte:** Relatório da ONU - Situação da População Mundial 2011

Os Estados Unidos são o maior país de acolhimento para imigrantes internacionais, com cerca de 42,8 milhões de indivíduos, seguidos pela Federação Russa, com 12,3 milhões e a Alemanha com 10,8 milhões. Em relação ao país com maiores fluxos de saída há que destacar duas potências emergentes como é o caso da China em que a diáspora é estimada na ordem dos 35 milhões e a Índia com cerca de 20 milhões.

Contudo, os fluxos migratórios abrandaram; a título de exemplo, pode-se verificar que nos Estados Unidos em 2009 registou-se um fluxo de entrada de 1.130.818 pessoas e em 2010 esse número baixou para 1.042.625. O mesmo se passou em alguns países da

Europa como é o caso da Grã-Bretanha que entre 2008 - 2009 registou um decréscimo de 505 000 para 47. 000 (OIM, 2010).

Apesar do abrandamento sentido o *stock* global de imigrantes, este continua a crescer a um ritmo estável, entre 2005 e 2010 o ritmo de crescimento médio era de 0,1%. Tem-se verificado também por parte de alguns países como é caso da França, Rússia, Arábia Saudita que consideram o fluxo de imigração do seu país como demasiado alto, ao passo que países como Canadá se queixam do contrário. Devemos lembrar-nos que os fluxos não são estanques e estão em constante movimento, isso também se traduz na mudança de perspetiva que os países têm em relação aos seus fluxos migratórios.

Em termos de tipologias migrantes, há a destacar que em 2008, segundo o Alto Comissariado para os Refugiados, o número de refugiados era de cerca 15.2 milhões representando cerca de 7,6% do *stock* global de migrantes, sendo que o maior número de refugiados encontra-se no Paquistão, Síria e no Irão com 1.8 milhões, 1.1 milhões e 980 000 respetivamente. Estes números são principalmente compostos por afegãos (2.8 milhões) e iraquianos (1.9 milhões).

Outro fluxo migratório também muito importante é o fluxo ligado aos profissionais de saúde, apesar de não existirem dados nem estudos concretos sobre o assunto, esta é uma temática que tem vindo cada vez mais a tornar-se preocupante, especialmente em países africanos que vêem os seus profissionais de saúde abandonar o país em busca de melhores condições, um exemplo disso é Moçambique, cerca de 75% dos seus médicos procura novas oportunidades fora do seu país de origem.

Também a mobilidade ligada à educação tem vindo a ser alvo de análise uma vez que se crê que poderá vir a gerar um fluxo migratório de profissionais altamente qualificados. Segundo um relatório da UNESCO (2009) existiam cerca de 2.8 milhões de estudantes em todo o mundo. Sendo que os três principais países de origem desta tendência são a China (15%), Índia (5%) e a Coreia (4%). Em termos de países de acolhimento em 2007 destaca-se a Grã-Bretanha, Estados Unidos. Ainda em relação a este fluxo, o mesmo relatório afirma que os fatores de influência são, principalmente, a proximidade geográfica, a existência de um idioma comum ou as relações políticas atuais, entre outros.

Os destinos de acolhimento caracterizam-se cada vez mais por uma diversificação. A Austrália, África do Sul, Itália, França, Canadá e Japão estão a tornar-se países cada vez mais atrativos para os jovens vindo de países como a China, Coreia e Nova Zelândia. Outros dados interessantes prendem-se ao fato de se vir a registar um maior número de permanências no país de acolhimento. Segundo o relatório no ano de 2007, cerca de

23% destes alunos que estava matriculado, estava a frequentar programas ligados à gestão empresarial. Ao passo que 15% optava pela área das ciências naturais, 14% em áreas das indústrias e engenharias e finalmente, em conjunto, as ciências humanas e artes obtinham uma percentagem de 14%.

A mobilidade internacional de estudantes do sexo feminino, apesar de muitos dos países não definirem o sexo como um dos tópicos de análise nas suas recolhas estatísticas, aparenta desenvolver-se com mais rapidez que a do sexo masculino.

Dos dados disponíveis é ainda possível verificar que as áreas das ciências e engenharias continuam a ser dominadas por indivíduos do sexo masculino.

Quanto à imigração ilegal, não existem informações em concreto, mas as estimativas apontavam para que 10 a 15% total de migrantes internacionais estejam em situação irregular. A maior parte deles são indivíduos cuja entrada foi autorizada, mas o tempo de permanência foi ultrapassado. Contudo, existe um consenso geral que o número de migrantes em situação irregular tem vindo a crescer ao longo dos últimos anos (OIM, 2010).

### **Panorama migratório na União Europeia**

Os fluxos migratórios não são estanques e trazem consequências na estrutura populacional dos vários países que vivem o fenómeno.

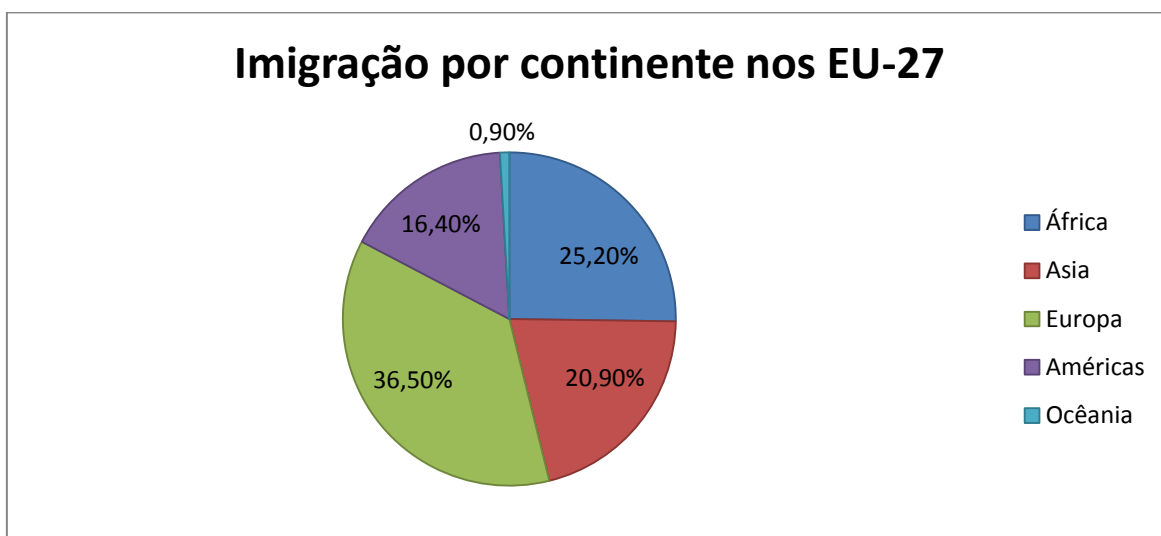
A realidade vivida em torno da imigração pode ser diferente entre os vários estados membros, onde existem diversas experiências e atitudes. Se por um lado, o tecido empresarial de muitos países da UE solicita mais imigrantes, para preencher os postos de trabalho disponíveis no mercado, existem também aqueles que defendem que a União esta perante uma “invasão” de imigrantes ilegais.

A situação é complexa e a existência de imigrantes sem autorização de residência é uma realidade que torna difícil a aquisição de dados exatos. A isto se junta a problemática das diferentes metodologias de recolha e análise de dados dos diferentes estados membros, que, por sua vez, podem realizar interpretações incorretas ou imprecisas. Estes fatores, entre outros, dificultam a construção de modelos para análise dos padrões dos fluxos de migração.

Dos dados relativos à imigração (Eurostat, 2011) 2007 foi o ano em que esta atingiu o seu pico na UE, sabe-se que aproximadamente 9 milhões dos cidadãos pertencentes à UE viviam fora do seu país de origem e que havia cerca de 18.5 milhões de imigrantes de

países não pertencentes à UE instalados legalmente nos 27 países da União, valor, este correspondente a 4% da população total.

Quanto ao número de pessoas em situação irregular, estabelecidas nos 27, estima-se que o valor ronde os 4.5 milhões, contudo todos os anos são detidas cerca de 500.000 pessoas para serem extraditadas para o seu país de origem. Quanto aos requerentes de asilo na UE o número tem-se mantido constante, em 2007 registavam-se 223.770 casos de pedido de asilo e em 2008 eram 239.220 e em 2009 registavam-se 246.200, denotando assim que não existem grandes oscilações ao longo dos últimos anos.



**Figura 2 - Imigração na UE por continente 2009**  
Fonte: Elaboração própria, com dados do Eurostat (2011)

Em 2009 e 2008, verificou-se a tendência de decréscimo dos deslocados ao contrário do que se verificou até 2007. Por outro lado, o número de pessoas provenientes de fora da UE-27 tem vindo a aumentar significativamente e ronda agora sessenta e dois por cento da taxa total de imigração, sendo que a maior fatia corresponde ao continente africano com uma cifra de vinte e sete por cento.

Este aumento deve-se possivelmente ao agravamento das desigualdades sentidas entre países pobres e países ricos, a existência de conflitos e mesmo o advento dos transportes que veio facilitar as deslocações destes indivíduos.

Segundo dados, em 2008, nos 27 Estados – Membros o número migrante intraeuropeus correspondia a cerca de 2 milhões. As principais movimentações de nacionalidade da UE dentro dos estados-membros pertencem à Roménia que se estima que seja 384.000 de deslocados, seguida pela Polónia e Alemanha (Eurostat, 2011).

A nível dos grupos de países terceiros que estabeleceram residência de modo legal na União Europeia, os mais significativos são oriundos de Marrocos, estima-se que sejam cerca de 157.000 imigrantes, cujos países de fixação preferenciais são a Espanha e a Itália, seguidos pela China, Índia, Albânia e Ucrânia.

Em relação ao tipo de imigração ao longo do últimos anos a maior fatia de pedidos de autorização de residência diz respeito principalmente a familiares de imigrantes que já se encontram a viver no país de destino (aproximadamente 35%), temos depois trabalhadores migrantes (28%) e estudantes (15%). Este último tipo de migração tem nos últimos anos adquiridos contornos cada vez mais importantes. Uma mobilidade que à primeira vista seria temporária está agora a tornar-se permanente. O Eurostat (2011) tem vindo também a registar uma tendência entre os estudantes que escolhem realizar mobilidade. Muitos são os que escolhem retornar ao seu país de origem, mas são cada vez mais aqueles que optam por mais tarde se estabelecer para trabalhar e residir nos países em que realizaram a mobilidade.

### **Panorama migratório português**

A dimensão do fenómeno emigratório poderá ser avaliada, não só pelo valor global de saídas, pela sua extensão no território português e pelos reflexos na sociedade portuguesa, mas ainda através da distribuição e dimensão das diversas comunidades de emigrantes que se fixaram em diversos pontos do globo.

(Arroteia, 1998:19)<sup>11</sup>.

### **Fluxos de entrada**

Portugal sempre foi um país com uma grande tradição nas migrações (*Portugal: Atlas das Migrações*, 2010), sendo até à década de 60 do séc. XX, predominantemente, um país caracterizado pela emigração.

Contudo, com a revolução de Abril de 1974 e a independência das colónias do ultra mar, o panorama das migrações alterou-se de modo drástico. O início da década de 80 é marcado pelo crescimento exponencial da taxa imigratória do país devido principalmente à entrada de indivíduos de países africanos. Durante os anos 90, o crescimento no número de residentes estrangeiros continua a verificar-se, sendo que os fluxos são originários dos países da CPLP.

---

<sup>11</sup> ARROTEIA, J. (1998), *Os jovens Franco-Portugueses à procura de um novo equilíbrio* in Trajetórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: questões multiculturais e de integração, Aveiro, Universidade de Aveiro



Com o início do séc. XXI, surge uma nova vaga de imigração, de pessoas originária da Ucrânia, Roménia e Moldávia. Este fluxo, considerado por muitos como um marco na história migratória de Portugal, pois tratava-se de pessoas sem uma tradição migratória ou ligação histórica para com o país. Na sua maioria encontravam-se indivíduos originários da Ucrânia, que rapidamente se tornaram na segunda comunidade estrangeira com mais representatividade em Portugal.

Segundo os dados disponibilizados pelo SEF (2011) atualmente o número de estrangeiros com residência fixa em Portugal é de 436.822, um valor 1,9% mais baixo que o ano de 2009.

### **Evolução da imigração**

Ao longo dos últimos tempos, o fluxo imigratório em Portugal sempre se destacou por uma crescente sustentabilidade.

No decorrer do ano de 2010 (ver quadro 2) estimava-se que teriam entrado em Portugal cerca de 27.575 indivíduos, dos quais a cifra 19.725 corresponde a indivíduos de nacionalidade portuguesa (INE, 2010).

Em termos de residência, de acordo com o SEFSAT, atualmente a população estrangeira a residir em Portugal é de 436.822 indivíduos. Valor, que de 2006 a 2010 tem vindo a registar um crescimento sustentado, com exceção do ano de 2010 em que se sentiu uma quebra nos pedidos de residência no SEF.

Em termos gerais em 2011 foram registados menos 10,6% de pedidos de primeiros títulos de residência que em 2010 (50.747). Para esta redução contribuiu a aquisição de nacionalidade Portuguesa, os impactos da atual conjuntura económica ou mesmo a alteração dos fluxos migratórios em alguns dos principais países emissores de imigrantes, como é o caso de Brasil e Angola.

	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
<b>Portuguesa</b>	9.586	18.044	19.725
<b>União Europeia</b>	4.082	3.999	2.395
<b>Extra União Europeia</b>	16.050	10.264	5.455
<b>Total</b>	29.718	32.307	27.575

**Tabela 2 - Imigrantes por grupos de origem, Portugal, 2008-2010**

Fonte: INE (2010)

Em relação às motivações destes pedidos, devem-se principalmente aos reagrupamentos familiares (11.563), exercício de atividade profissional (6.773) e estudo (6.317).

Segundo o SEF, em 2010, a emissão de primeiros títulos de residência correspondeu principalmente a indivíduos do Brasil (12.896), Cabo Verde (4.610), Roménia (4.582), Ucrânia (1.761), Guiné-Bissau (1.744), Reino Unido (1.692), Espanha (1.533), China (1 507), Angola (1.369) e São Tomé e Príncipe (1.322).

### **Comunidades imigrantes**

Tendo em conta o número de residentes e o peso nos fluxos imigratórios portugueses optou-se por fazer uma breve descrição das que são as comunidades estrangeiras com mais representatividade em Portugal.

#### **Brasil**

Foi a partir da colonização do Brasil que a história migratória entre estes dois países se iniciou. Um dos principais marcos acontece durante o período de emigração transatlântica portuguesa, que se estende de meados do século XIX até ao final da década de 50 do século XX.

Neste contexto surge a imigração brasileira para Portugal. Inicialmente tratava-se de um deslocamento (Malheiros, 2007) do qual faziam parte profissionais qualificados, mais tarde, nos finais dos anos 90 do século XXI, o fluxo tornou-se mais diversificado, sendo principalmente constituído por imigrantes laborais.

A população brasileira estabelecida em Portugal tem ao longo dos anos vindo a aumentar sendo que até 2009 apresentava um crescimento sustentável.

Atualmente, o Brasil continua a ser a maior comunidade estrangeira instalada em Portugal contabilizando 111.445 indivíduos apesar do decréscimo de 6,63% que sentiu em relação ao ano de 2010 (SEF, 2011).

#### **Ucrânia**

O colapso da economia da antiga União Soviética e o seu subsequente desmembramento em repúblicas autónomas viria a ser o principal motivo para a alteração da situação social do país e que traria implicações também para a restante Europa.

Deste modo e ao contrário do que acontecia com os países da CPLP, o aparecimento dos fluxos emigratórios da Ucrânia para Portugal, além de ser relativamente recente não se encontra ligado a precedentes históricos ou linguísticos.

Trata-se de uma comunidade que tão rápida foi a sua chegada como a sua integração (ACIDI, 2011). Atualmente, este fluxo mantém-se sobretudo por motivos de reunificação

familiar e segundo o SEF a Ucrânia continua a ocupar o segundo lugar nas comunidades estrangeiras mais representativa no país com 48.022 residentes, apesar de este número estar decrescer gradualmente, só entre 2010 e 2011 a quebra foi de 3%.

## **PALOP**

Portugal tem uma relação já antiga com alguns dos países africanos. A era da colonização e da ocupação das colónias é apontada como sendo um marco importante da história das migrações em Portugal (Rocha-Trindade, 2001).

	<b>Nº residentes (2011)</b>	<b>Nº residentes (2010)</b>	<b>Variação</b>
<b>Cabo verde</b>	43.920	43.979	-0,13%
<b>Angola</b>	21.563	23.494	-8,22%
<b>Guiné-Bissau</b>	18.487	19.817	-6,71%

**Tabela 3 - Principais comunidades africanas a residir em Portugal [2010-2011]**

Fonte: SEF- Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2011

Com o início das guerras de libertação das várias colónias do Ultramar português existe um expressivo aumento no fluxo de retorno português. Já durante os anos 60 e 70, autóctones das colónias portuguesas têm vindo estabelecer-se em Portugal.

Com a independência das colónias em 1975, instalou-se um clima de instabilidade e insegurança em Angola, Moçambique e Guiné. Esta situação levou a um êxodo forçado de muitos dos portugueses aí instalados e a um aumento da taxa de imigração desses países que se manteve até à década de 90. Atualmente esse quadro já não se verifica uma vez que o efetivo das comunidades dos PALOP tem vindo, ao longo dos últimos anos, a decrescer (Tabela 4).

## **Fluxos de saída**

Segundo Rovisco (2001), apesar de no século XV e XVI existirem já significativos deslocamentos de portugueses para fora do país, alguns autores não os reconhecem como pertencendo à denominação de migração. Contudo, estes deslocamentos transoceânicos ditaram alguns dos principais destinos de emigração dos portugueses. Assim um dos mais antigos destinos emigratórios portugueses é o Brasil, que conta com séculos de existência, desde o séc. XIII a meados do séc. XX, sendo que o saldo emigratório apenas baixou em meados da década de 60.

Durante as duas primeiras décadas do séc. XX os EUA tornaram-se um dos destinos de eleição por parte dos autóctones das ilhas dos Açores. Em conjunto com habitantes da

Madeira estabeleceram um fluxo emigratório para o Havai que viria praticamente a extinguir-se no início do séc. XX.

O Canadá viria também a fazer parte dos destinos de eleição dos portugueses nas décadas de 60 e 70, sendo que, sempre que existissem condições económicas, passasse também a haver uma emigração de reunificação familiar.

Neste seguimento importa também referir a Venezuela, cujo fluxo emigratório foi principalmente composto por indivíduos originários da Ilha da Madeira entre as décadas de 50 e 70, e África do Sul que, apesar de ser contar com um valor pouco significativo, teve também grande incidência durante a década de 50 na Ilha da Madeira.

### **Evolução da emigração**

As saídas de Portugal têm vindo a sentir alterações, pois são cada vez mais os portugueses que procuram novas oportunidades no estrangeiro (Malheiros, 2010).

Entre 2009 e 2010, o número de portugueses a emigrar passou de 14.138 para 22.127, assim como o número de cidadãos da União Europeia a abandonar o país tem também vindo a aumentar talvez derivado ao clima de incerteza económica que se tem vindo a sentir.

	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
<b>Portuguesa</b>	18.462	14.138	22.127
<b>União Europeia</b>	161	254	269
<b>Extra União Europeia</b>	1.734	2.507	1.364
<b>Total</b>	20.357	16.899	23.760

**Tabela 4 - Saída por grupos, Portugal, 2008 - 2010**

Fonte: INE - Estatísticas demográficas 2010

Em contraste com os dois grupos anteriores o número de indivíduos de fora da União Europeia que abandona o país tem vindo a reduzir-se.

A nível do sexo, a informação existente diz respeito apenas à população portuguesa e revela que, há alguns anos, a maior taxa de saída corresponde a indivíduos do sexo masculino.

### **Principais comunidades emigratórias**

De acordo com os indicadores do Observatório da Emigração (O.E.), a França, Angola e Suíça são atualmente os países que registam um maior afluxo de emigrantes portugueses, assim optou-se por fazer uma breve descrição destas comunidades.

## **França**

A comunidade portuguesa em França é a mais numerosa das comunidades portuguesas na Europa e uma das principais comunidades estrangeiras estabelecidas nesse país.

Entre 1918 e 1921 o fluxo migratório português para França começou a ganhar expressividade, até então o número de portugueses radicados na França era diminuto (Branco, 2001). O aumento dos emigrantes aconteceu com o final da Primeira Guerra Mundial em que sobreviventes portugueses começaram a fixar-se em território francófono, seguidos dos seus cônjuges e descendentes. Em 1921 o número de portugueses era de 11 mil. No final da década, esse número ascenderia a 49 mil devido à crescente necessidade de mão-de-obra sentida no sector agrícola.

Na década de 50, talvez devido à tentativa de povoamento das colónias ultramarinas, por parte do Estado Novo, a guerra civil em Espanha e a crise social e económica que a França atravessava, o fluxo emigratório português foi interrompido.

Com o final Segunda Guerra Mundial houve um novo aumento nos deslocamentos de portugueses para a França, sendo que em 1975 o número de portugueses instalados na França era de 750 mil.

Em 1973, a França estabeleceu um rígida política de controlo emigratória com vista à redução do grande fluxo emigratório que o país vinha a sentir e em 1999, o número de portugueses havia baixado para 555 mil.

Atualmente, segundo o OE, não se dispõe de informação muito detalhada, mas em 2008 haviam entrado 211.055 indivíduos em França fazendo com que o número de residentes estrangeiros aumentasse para 3.603.415, dos quais 490.502 teriam nacionalidade Portuguesa.

## **Suíça**

Até à segunda metade do século XX, o número de emigrantes portugueses na Suíça era relativamente limitado. Com exceção da cidade de Genebra onde principalmente estudantes e intelectuais da sociedade portuguesa se haviam instalado, a fim de se refugiarem do sistema político vigente na altura em Portugal.

Em 1960, surge a primeira menção da Suíça como um possível país de migração para Portugal, contudo autoridades suíças não estavam na disposição de celebrar um acordo que regulamentasse a migração Portuguesa, tal como havia acontecido com a Itália e Espanha, uma vez que havia um receio da baixa produtividade dos trabalhadores portugueses, devido à dificuldade em adaptarem-se a um estilo de vida e condições de trabalho tão distintas. Só em 1980 é que surge uma grande afluência de portugueses no mercado de trabalho suíço, determinada pelas restrições impostas nas fronteiras

francesas na década de 70 e pela recessão causada pelos choques do preço do petróleo. Isto estabeleceu a necessidade de criar postos de trabalho para os menos qualificados, o que implicou uma diversificação dos países de trabalho. Mais tarde a Suíça viria a assinar um acordo administrativo com Portugal para canalizar os trabalhadores que chegavam para os empregos sazonais. Isto levou a que a imigração proveniente de Portugal tivesse uma rápida expansão entre 1986 e 1992 (Fibbi,2010).

Atualmente a Suíça conta com uma população estrangeira de 1.837.112 indivíduos, dos quais 221.641 são portugueses.

### **Angola**

O século XV assinala a data da colonização portuguesa. Haveria de permanecer como colónia até 11 de Novembro de 1975 altura da declaração de independência de Angola. O clima de instabilidade levou a um êxodo forçado de muitos dos portugueses aí instalados que conduziria também a um aumento da taxa de imigração que se manteve até à década de 90. Atualmente esse quadro já não se verifica uma vez que o crescimento económico é uma realidade nesse país. Segundo o O.E., atualmente trata-se de um dos países para onde os fluxos de emigração portuguesa se estão a dirigir. A existência de antecedentes históricos, e a partilha de uma língua comum podem ser alguns dos fatores de atração de Angola para os portugueses. Em 2005, o país detinha uma população de 16.618.000 cidadãos. Apesar de não existirem informações que permitam confirmar a realidade atual, sabe-se que só em 2009 deram entrada no país cerca de 23.787 portugueses.

## CAPÍTULO II – PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

“Há atualmente uma ideia na Europa hostil à imigração, muito por culpa do que se tem feito, enfatizando a necessidade de se fecharem as portas. E não se podem integrar pessoas dando este tipo de sinais à opinião pública. Outro problema é que muitos imigrantes não são cidadãos com direito de voto nos respetivos países de acolhimento. Por isso, é muito fácil para os partidos da extrema-direita usar argumentos contra os imigrantes, só porque eles não votam. Os políticos têm um objetivo a curto prazo: serem reeleitos. Muitos deles sabem que a Europa tem de adotar uma nova política de imigração e sabem que o que se está a passar é absurdo. Mas isso é o que dizem nos corredores. Na praça pública têm uma atitude muito diferente.”

(Silberman cit. in Gin Tónico, 2005<sup>12</sup>)

Existe a ideia de que, se a globalização mantiver o seu atual curso, irá enfraquecer a soberania dos estados e contribuir para a perda de identidade cultural.

Na perspetiva da livre circulação de produtos e mercadorias o assunto não levanta tanta polémica, ao passo que a livre circulação de pessoas e os fluxos migratórios, sendo uma parte integrante do processo de globalização, têm sido alvo de políticas restritivas. Muitos migrantes vêm os seus direitos como cidadão de pleno a não serem reconhecidos ou a serem vítimas de discriminação.

Esta realidade deve-se principalmente a problemas e falhas resultantes do modelo de integração implementado no país.

No interior das comunidades, encontramos diferentes grupos de imigrantes e diferentes reações das populações em relação a cada um destes grupos. Este fenómeno tem por base motivos históricos, étnicos, culturais e económicos, fazendo com que existam alguns grupos de imigrantes que sejam melhor aceites que outros (Portes, 1999).

### **Conceito - integração**

Também os diversos grupos de viajantes culturais, consoante a finalidade do deslocamento, têm um grau de integração e um nível de interação com a comunidade de acolhimento distintos. Deste modo, este capítulo aborda o conceito de integração na vertente mais ligada à imigração e ao ensino superior, assim como os problemas que daí podem advir com especial ênfase ao caso dos estudantes internacionais. Na perspetiva

---

<sup>12</sup> Retirado de “Imigração” de Pedro Ruivo, Universidade de Coimbra da página web: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2005022.pdf> - consultado a 19 de fevereiro de 2012, 23:46

de Pires (1999:9), a integração a nível sociológico diz respeito ao modo de incorporação e interação de um grupo de indivíduos num determinado espaço social comum:

O termo integração é correntemente usado na literatura sociológica para designar, no plano micro, o modo como os atores são incorporados num espaço social comum, e, no plano macro, o modo como são compatibilizados diferentes subsistemas sociais.

(Pires, 1999:9)

Por seu lado, Durkheim (cit. In Machado, 2002:63) afirma que a integração está relacionada com uma condição de interdependência de caráter harmonioso dos indivíduos num espaço social normativamente regulado.

Para Lockwood (cit. in Machado, 2002:64) esta definição apresenta uma visão muito simplista da integração. A seu ver esta encerra duas vertentes, por um lado a integração social, por outro lado a sistémica. A social abarca as relações entre os intervenientes sejam elas de caráter ordeiro ou conflituoso, ao passo que a integração sistémica refere-se às relações entre as partes de um determinado sistema social, que também pode adquirir um caráter pacífico ou desordeiro.

Para Ellis Cashmore (in Machado 2002:67), a integração define a capacidade que diferentes grupos étnicos têm em manter as suas fronteiras e individualidades, participando na sociedade como cidadãos pleno.

Por seu lado, Albuquerque et al (2000:21) definem a integração social como se se trata-se de:

Um processo gradual através do qual os sujeitos e os grupos migrantes se tornam participantes ativos na vida económica, sindical, cívica, política, cultural e espiritual do país recetor, o que conduz ao exercício de cidadania.

Para Machado (2002:70) a integração trata-se de um processo gradual a longo prazo, que, através da consolidação de relações entre a população autóctone e as comunidades migrantes, gera um sentimento mútuo de pertença a uma só sociedade global.

A integração como temática de importância a nível global, também é definida pela OIM como sendo:

The process by which immigrants become accepted into society, both as individuals and as groups. The particular requirements for acceptance by a receiving society vary greatly from country to country; and the responsibility for integration rests not with one particular group, but rather with many actors: immigrants themselves, the host government, institutions, and communities.



Segundo Demetrios Papademetriou (2003, cit. in Fonseca, 2003), a definição de integração na imigração pode ser estabelecida como sendo:

O processo de interação, ajustamento e adaptação mútua entre imigrantes e a sociedade de acolhimento, pelo qual ao longo do tempo, as comunidades recém-chegadas e a população dos territórios de chegada formam um todo integrado.

É preciso ter em conta que a inclusão dos imigrantes num país de acolhimento não se trata de um procedimento simples, muito pelo contrário, este encerra complicações devido a vários aspetos a nível das diversas estruturas económicas, sociais, políticas e institucionais do país de destino e da região onde se fixam e o momento em que a migração ocorre (Papademetriou, 2003, cit. In Fonseca, 2003).

De acordo com Marshall *et* Horta (cit. In Pereira, 2007), a introdução da cidadania na conceptualização da integração social propõe, tal como acontece com os autóctones, três conjuntos de direitos e deveres (de caráter civil, político e económico-sociais) que estão previstos, no caso de Portugal, na constituição da República. Estes conferem a igualdade de direitos e deveres, colocando os migrantes em pé de igualdade com os cidadãos do país de destino.

Para Marcusán (1996:131), a integração pode ser vista como um processo cujo objetivo é gerar um intercâmbio recíproco que garanta a coexistência e preservação de diferentes culturas. Permitindo a autóctones e imigrantes participar ativamente na vida social, económica, laboral e cultural do país de acolhimento.

Trata-se de um tópico muito interessante, pois abre todo um conjunto de portas importantes para a “diversidade cultural que é uma das fontes de desenvolvimento, entendido não só como crescimento económico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória.”<sup>14</sup>

### **Modos de incorporação de imigrantes**

Existe uma relação entre o sucesso económico e o capital humano nos imigrantes; um maior tempo de residência num país permite uma maior fluência na língua e um acumular de experiência profissional que, conseqüentemente, trará melhorias à condição profissional e económica do indivíduo. Segundo Portes (1999), “o modo de incorporação

<sup>13</sup> Consultado em [http://publications.iom.int/bookstore/free/IML\\_1\\_EN.pdf](http://publications.iom.int/bookstore/free/IML_1_EN.pdf) no dia 23/06/2012

<sup>14</sup> Art. 3º da Declaração Universal da Diversidade Cultural. (UNESCO, 2001)

*trata-se de um processo de inserção social dos imigrantes nos diversos contextos sociais. Os efeitos contextuais interagem com o capital humano, determinando o grau em que este poderá ser aumentado e proveitosamente utilizado”(p.29). Nesta linha de ideias, Porter (1999) afirma ainda que existem três graus diferentes de receção.*

O primeiro é a nível da política governamental, que define três tipos de respostas em relação aos imigrantes. Tomemos como exemplo um grupo de imigrantes a quem é oferecido um conjunto de benefícios para fixação no país. Este ato é tomado como sendo de encorajamento por parte das autoridades, que pode acontecer por vários motivos como por exemplo: aumento da população e/ou necessidade de mão-de-obra para uma determinada região.



**Figura 3 - Três graus de receção diferentes**

**Fonte:** Elaboração própria, adaptado de Portes (1999)

Uma outra condição diz respeito à aceitação passiva, que pode ser exemplificada pela entrada de chineses ou indianos em Portugal, imigrantes pelos quais os órgãos governamentais mostraram um certo grau de indiferença ao aparecimento destas novas comunidades em Portugal.

Por fim, o último grau de reação diz respeito à hostilidade. Nesta condição, existe um claro sinal de combate à imigração; um exemplo disso é a realidade vivida na fronteira entre Estados Unidos e México, onde existe todo um conjunto de recursos e estruturas físicas para combater a entrada ilegal de mexicanos nos EUA.

Também a receção por parte da sociedade representa um grau de aceitação. Esta baseia-se em opiniões e motivações históricas da população do país de acolhimento, pelo que poderá ser preconceituosa ou não preconceituosa. Se tivermos em consideração uma das minorias étnicas mais antigas estabelecida em Portugal, os

ciganos, vê-se que estes ainda são alvo de preconceitos e até discriminação por parte da população portuguesa.

### **Modelos teóricos de incorporação/integração**

Frequentemente, a assimilação e o multiculturalismo são apresentados como os dois processos extremos de integração de imigrantes e minorias étnicas nas sociedades de destino.

(Malheiros, 2011:22)

Os mecanismos de integração são uma peça fundamental para compreender o tratamento das migrações e todas as pressões que lhes estão associadas por parte de contextos nacionais específicos. Por outras palavras, para compreender as abordagens teóricas relacionadas com a integração de imigrantes há que relaciona-las com os elementos de construção nacional de um país, por exemplo: a cultura, a etnicidade, a identidade nacional ou a cidadania. Nesse sentido, nesta parte do trabalho abordar-se-ão alguns dos principais modelos de incorporação.

A teoria assimilacionista teve origem no início do século XX, através da Escola de Sociologia de Chicago e permaneceu em vigor até ao final dos anos 80. Tendo as comunidades de imigrantes na cidade de Chicago como objeto de estudo, Robert Park estabeleceu em 1921 a primeira definição do conceito: *“a assimilação seria o resultado eventual de um ciclo de padrões de interação imigrante / sociedade de acolhimento, ou um ciclo de relações raciais, por etapas: contacto, competição, acomodação e eventual assimilação”* (cit. in Pires, 2009:17).

Esta assimilação é considerada por Robert Parks (in Machado, 2002:11) como a última fase de um processo de sedentarização dos imigrantes nas sociedades de acolhimento. Segundo Pires (2009:17), muitos estudos demonstram diferentes graus de resistência à assimilação no contacto com a sociedade de acolhimento e que o tempo necessário à assimilação varia consoante as características dos imigrantes.

Mais tarde, em 1964, o teórico Milton Gordon sistematizou o processo, estabelecendo a existência de um total de sete fases na assimilação<sup>15</sup>, dos quais se destaca a *“assimilação da língua, da religião, dos hábitos alimentares, das crenças e o estágio da assimilação estrutural que corresponde às interações em larga escala nas instituições da sociedade recetora”* (cit. in Kulaitis, 2009:10). Por seu lado, Manning (cit. In Portes, 1999:41) argumenta que a assimilação pressupõe a fixação de uma cultura dominante,

---

<sup>15</sup> A sete fases da assimilação (Gordon, 1964): 1) Cultural or acculturation; 2) Structural; 3) Marital; 4) Identificational; 5) Attitude receptional; 6) Behavioral receptional; 7) Civic assimilation.

com uma tónica na construção de consenso e a suposição de uma sequência básica e padronizada de adaptação. Para a autora Rocha-Trindade (1995: 359), a assimilação trata-se da:

(...) aceitação de um grupo minoritário por parte da população majoritária, em que o grupo adota as normas e os valores da cultura dominante. Processo através do qual os grupos minoritários são absorvidos ou incorporados no sistema sociocultural do grupo majoritário.

De um ponto de vista mais institucional e segundo a OIM, a assimilação trata-se de um processo de:

*Adaptation of one ethnic or social group – usually a minority – to another. Assimilation means the subsuming of language, traditions, values and behavior or even fundamental vital interests and an alteration in the feeling of belonging. Assimilation goes further than acculturation.*

(OIM, Glossary)

Nesta discussão, importa tomar em consideração o fenómeno do multiculturalismo que vem difundir-se desde a década de 80 do séc. XX por toda a Europa Ocidental. Machado (2002) defende que o multiculturalismo trata-se de uma conceção teórica na qual as sociedades atuais se distinguem pela diversidade que contêm, sendo que não existe uma aglutinação de diferentes contextos culturais, mas sim uma justaposição de diferentes comunidades. Para ele, este é considerado um modelo ideal de sociedade, uma vez que cada indivíduo/comunidade tem uma cultura própria cujo espaço é respeitado pelas demais (Machado, 2002:11-20).

Por seu lado, na perspetiva de Castles (2002:1156-1157), o multiculturalismo tem como base a preservação da identidade cultural de um determinado grupo étnico conjuntamente com os ideais de cidadania, desde que adiram a determinados princípios da sociedade de acolhimento, como princípios democráticos. Isso implica o reconhecimento da necessidade de legislação, instituições e políticas sociais com vista a ultrapassar as barreiras que possam surgir aos vários grupos étnicos presentes na sociedade.

Holliger (cit. in Cabral & Vieira, 2007) afirma que o modelo multiculturalista se distingue em dois submodelos; por um lado, o Pluralismo Cultural tem uma abordagem que reconhece a existência e interação sem necessidade de adaptação umas às outras num espaço comum. Por outro lado, o modelo cosmopolita que coloca a filiação étnica e cultural como voluntária, contudo, existe um encorajamento para a interação e partilha de tradições culturais e a integração nas estruturas da sociedade

Pode dizer-se que o multiculturalismo procura promover a integração dos imigrantes, de modo a que estes possam manter as suas identidades, enquanto promovem o respeito pela diversidade cultural. Por oposição ao multiculturalismo, surge a segregação que corresponde a uma repudição da minoria e dos seus valores, assim como uma intolerância à partilha dos valores da maioria com a minoria. Os indivíduos que seguem estratégias de segregação não aceitam a participação da minoria como cidadãos de pleno direito na sociedade de acolhimento, por não partilharem a mesma cultura e por assumirem que estes não possuem a capacidade para adotar a cultura da maioria (Barreto, 2005: 284-285). Nesta perspetiva cultural pode inclusive em casos extremos registar-se uma separação física entre ambas as culturas de modo a não haver contacto ou contaminação cultural

Segundo Bouhis (cit. in Barreto, 2005:284), *“as pessoas que adotam a estratégia de segregação cultural não favorecem os contactos culturais e preferem que os imigrantes permaneçam juntos entre si e separados da maioria, sendo, além disso, ambivalentes no que toca aos direitos dos imigrantes na sociedade de acolhimento.”*

### **Políticas de integração**

Por várias vezes ao longo desta dissertação foi referido que Portugal é um país com larga tradição de emigração e que no final do século XX tornar-se-ia também um país de acolhimento (Esteves,1991; cit. in Peixoto, 2004:2). As comunidades de imigrantes em Portugal representam já 5% da população residente em Portugal. Contudo, esta migração trata-se de uma dinâmica complexa de orientações transnacionais devido ao advento dos transportes e das novas tecnologias da comunicação que facilita a entrada no país e permite às populações migrantes manterem laços fortalecidos com o seu país de origem (Malheiros, 2007).

No início dos anos 90, foi possível verificar que o número de imigrantes em Portugal era cerca 100.000, um valor que correspondia a um aumento de cerca de 400% comparando com os dados de há quinze anos atrás. Este aumento na imigração trouxe grandes benefícios a nível do desenvolvimento do país a ponto que em 2002 as suas contribuições para as contas do estado eram de aproximadamente duzentos e quarenta e três milhões de euros. Visto o peso que a imigração tem na estrutura económica Portuguesa tornou-se uma necessidade para a continuidade do desenvolvimento do mesmo estabelecer um conjunto de políticas de acolhimento e integração mais sólidas e organizadas para salvaguardar os imigrantes e os seus deveres e direitos.

Nesta área Portugal tem vindo a receber várias distinções. Sendo reconhecido no Relatório de Desenvolvimento Humano de 2009 da ONU como sendo um país com todo um conjunto de políticas de promoção da integração dos imigrantes e minorias étnicas na vanguarda da Europa e do mundo.

Neste campo há que destacar o papel ativo que o ACIME tem vindo a desempenhar desde 1996 para a resolução de problemas que surgem na integração de cidadãos estrangeiros em Portugal. Importa referir que este é um órgão que responde diretamente a algumas das principais chefias do governo português, nomeadamente o Primeiro-Ministro e o Ministro da Presidência, o que vem demonstrar a importância que é dada a este assunto por parte dos órgãos de governo. A sua missão é:

Promover a integração dos imigrantes e minorias étnicas na sociedade portuguesa, assegurar a participação e a colaboração das associações representativas dos imigrantes, parceiros sociais e instituições de solidariedade social na definição das políticas de integração social e de combate à exclusão, assim como acompanhar a aplicação dos instrumentos legais de prevenção e proibição das discriminações no exercício de direitos por motivos baseados na raça, cor, nacionalidade ou origem étnica.<sup>16</sup>

Regulação, fiscalização e integração são os três eixos estratégicos que regulamentam as políticas de imigração em Portugal. Inspirada na estratégia da União Europeia para o estabelecimento de políticas comuns no que respeita a imigrantes e a pedidos de asilo. Segundo o ACIME, em termos de políticas de acolhimento e integração de imigrantes, Portugal é orientado por sete princípios-chave.

O primeiro é a igualdade de direitos e de deveres entre cidadãos nacionais e estrangeiros que se encontrem ou residam em Portugal, com exceção de alguns direitos políticos. Além da extensa legislação nacional e comunitária, existe ainda um órgão criado para concretizar este princípio - a CICDR.

O segundo trata-se do princípio da hospitalidade. Visto que os recém-chegados enfrentam todo um conjunto de problemas e vulnerabilidades torna-se necessário criar estruturas que providenciem o apoio necessário à sua integração não só social, mas profissional. Com esse intuito aparecem cada vez mais gabinetes e associações de apoio ao imigrante.

O terceiro princípio surgiu com a alteração da Lei da Nacionalidade, que indica que mesmo não se tratando de um cidadão nacional, o imigrante é um cidadão de pleno direito.

---

<sup>16</sup> Diário da República Artº 1º, nº 2, DL 251/2002

O quarto e quinto são os princípios da co-responsabilidade e da participação pelo bem comum. O sexto princípio é o da interculturalidade. De acordo com o estabelecido na missão do ACIME, há que promover o respeito mútuo e o diálogo intercultural nos parâmetros da lei. Este é um princípio que tem vindo a ganhar muita ênfase especial ao nível da educação, por todo o trabalho levado a cabo pelo Secretariado de Entre culturas. Finalmente, o sétimo pilar das políticas de integração portuguesas, o princípio do consenso. Todas as soluções para problemas ligados à imigração têm de ser obtidas através do diálogo e da negociação por parte da estrutura política e social de modo a evitar o aparecimento de movimentos anti-imigração que têm vindo a emergir em muitos países europeus. Neste âmbito, Portugal é um país que tem vindo cada vez mais a criar estruturas de apoio e ajuda não só aos imigrantes, uma vez que começam a surgir agora também estruturas de apoio dedicadas a emigrantes que estão de regresso. Exemplos disto são os Centros Nacionais de Apoio ao Imigrante (CNAI) espalhados por todo o país e os Centros Locais de Apoio à Integração de Imigrantes que são dependências dos CNAI que funcionam sob a alçada dos Municípios. Estas estruturas visam ajudar a responder às necessidades dos cidadãos imigrantes, em áreas como a regularização da situação migratória, a nacionalidade, o retorno voluntário, a habitação, o trabalho, a saúde, a educação, entre outras.

Por outro lado, a nível da emigração têm surgido os Gabinetes de Apoio ao Emigrante (GAE). Estes devem-se à celebração de acordos de cooperação entre Municípios e a Direção Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas (DGACCP). Estas estruturas visam por um lado providenciar a informação necessária ao utente que regressou, assim como todos aqueles que pretendam iniciar um processo migratório.

### **Atitude portuguesa face aos imigrantes**

Segundo os resultados da terceira edição do Índice de Políticas de Integração de Migrantes (MIPEX III, 2010), Portugal é um exemplo a seguir. A avaliação internacional colocou o país em 2º lugar a nível de políticas de integração de imigrantes no mercado de trabalho e 1º lugar no que toca a políticas de integração de imigrantes na vertente da reunificação familiar e do acesso à nacionalidade.

Contudo, a obtenção destas classificações não significam que Portugal seja um país sem entraves aos imigrantes. Segundo Albuquerque *et al* (2000:21), a integração trata-se de *“um processo gradual através do qual os sujeitos e os grupos migrantes se tornam participantes ativos na vida económica, sindical, cívica, política, cultural e espiritual do país recetor, o que conduz ao exercício de cidadania.”*

Uma das primeiras dificuldades com que os migrantes se deparam é o domínio linguístico, especialmente se a língua do país de origem não tiver qualquer tipo de semelhanças com a do país de acolhimento. Apesar de já existir o domínio do inglês em algumas das camadas imigratórias, nem sempre no país de chegada isso é sinónimo de fácil comunicação.

Não esqueçamos que a língua é uma das maiores ferramentas de interação do ser humano e, estando em contexto de deslocamento, não estar provido de conhecimentos linguísticos poderá causar ao imigrante grande consternação no pedido de informações, na execução das tarefas mais simples do dia-a-dia ou em relação a algum tipo de formação que possa ser requerida para ocupar um determinado posto de trabalho, aceder a concursos, além de que existe o risco de cair em redes de trabalho ilegal (Baganha & Marques, 2001:53-54).

Contudo, as dificuldades não se ficam por aqui. Apesar de Portugal ter vindo a destacar-se como um exemplo de sociedade antirracista, ainda existem atitudes ligadas ao racismo (Baganha & Marques, 2001b). Segundo estes autores, "*existem dois tipos de racismo, um que rejeita a norma social antirracista, chamado de racismo flagrante, e outro racismo que aceita a norma social antirracista, cunhado de racismo subtil*" (p. 69).

Este é um problema principalmente de mentalidade, uma vez que existe um grupo de preconceitos pejorativos estabelecidos em relação aos imigrantes. A imagem preconcebida que as pessoas têm dos imigrantes está ligada à criminalidade e insegurança que se faz sentir no país. A realidade do país seria distinta se a imagem mental estabelecida estivesse relacionada com o contributo cultural, social e económico que estas comunidades têm na sociedade portuguesa.

Uma outra conceção, alinhada com a discriminação, baseia-se em determinadas associações com determinados grupos de imigrantes; por exemplo, a associação dos trabalhadores da África Subsariana à baixa produtividade ou a associação da mulher brasileira à prostituição, entre outros.

A realidade é que muito destes imigrantes estão sujeitos a condições de trabalho muito precárias, chegando mesmo a ser explorados por indivíduos provenientes dos seus países de origem por já se encontrarem estabelecidos há mais anos e estarem numa posição de se aproveitar das dificuldades dos outros (Malheiros (2006:7).

As políticas de integração tornam-se assim uma base fulcral para a criação e manutenção de sociedades cada vez mais coesas, seguras e tolerantes para com os imigrantes. Torna-se, assim, necessário criar uma consciência coletiva para as dificuldades a que os imigrantes e todos os viajantes entre culturas estão sujeitos e



apostar também na (re)educação dos mais jovens através de ações de sensibilização e campanhas de divulgação para que no futuro sejamos uma melhor sociedade.

### **Conceito – aculturação**

O conceito aculturação é um dos temas que mais vem a ser desenvolvido nas várias áreas das ciências sociais, neste trabalho é designada como um processo adaptativo dos imigrantes em relação a um novo contexto cultural. A primeira definição de aculturação foi concebida por Redfield & Herskovits (1936:149-150 cit. in Berry,1997:3) e determinava que a aculturação abarca os fenómenos que resultam do contacto direto e contínuo entre grupos de indivíduos de contextos culturais distintos causando consequências nos padrões culturais de um ou dos dois grupos.

Por parte da Social Science Research Council (1954: 974 cit. Berry, 2005), trata-se da *“mudança de cultura que é iniciada pela junção de dois ou mais sistemas culturais autónomos. A mudança aculturativa poderá ser a consequência de uma transmissão cultural direta; podendo derivar de uma causa não cultural, como uma modificação de âmbito ecológico ou económica induzida pela cultura oposta.”*

O conceito aculturação psicológica foi introduzido por Graves em 1967 (cit. in Berry, 2005) referindo-se a *“mudanças num indivíduo que é participante numa situação de contacto cultural, sendo influenciado tanto pela cultura externa quanto pela mudança cultural de que o indivíduo é membro.”*

Para Berry (2005) a *“aculturação é um processo ambivalente de mudança cultural e psicológica que ocorre como resultado do contacto entre dois ou mais grupos culturais e os seus membros, sendo que a nível do grupo as mudanças nas estruturas sociais, instituições e práticas culturais.”*

Segundo Lueck, et al. (2010) *“O termo refere-se ao resultado das mudanças cultural causado por um contacto primário entre grupos étnicos distintos que estão influenciados por normas sociais dominantes na sociedade ou por um assertiva ameaça étnica. “ Para estes autores, a aculturação pode ser descrita como uma aproximação do termo assimilação, “o processo pelo qual indivíduos incorporam crenças, comportamentos e valores da cultura nativa, envolvendo diferentes níveis de sobrevivência, adaptação, domínio, resistência e stress (p.47- 48)” .Tendo em conta o afirmado por Lueck, et al. (2010) e Milton Gordon (1964; cit. in Kulaitis, 2009:10), a aculturação trata-se de uma fase do modelo de assimilação e resulta na incorporação de diversos valores da cultura dominante. Poderá não ser um processo pacífico, uma vez, que segundo Pires (2009:17), os diferentes imigrantes apresentam diferentes níveis de resistência no contacto com a*

sociedade de acolhimento. Surge um novo termo cunhado de *acculturative stress*, que, segundo Lueck, et al. (2010:48), se trata de uma "diminuição na saúde mental e bem-estar das minorias étnicas e que ocorre mediante o processo de adaptação a uma nova cultura. Este fenómeno pode conduzir a dificuldade de adaptação que se podem expressar em reações negativas e tensões entre culturas."

### **CAPÍTULO III. MIGRAÇÃO ACADÉMICA**

Ao longo dos últimos anos as instituições de ensino superior têm realizado varias mudanças para fazer frente à época de globalização em que vivemos. O processo de Bolonha foi uma dessas alterações. Além das modificações a nível dos seus modelos de funcionamento criou também um espaço europeu comum para a educação. Para qualquer universidade o sucesso assenta na sua capacidade atrair estudantes, não só estudantes nacionais, mas também ser capaz de captar de forma eficaz estudantes de contextos culturais diferentes do português. Neste âmbito, verificou-se um esforço por parte das universidades em celebrarem acordos de cooperação e parcerias interuniversitárias para enviar e receber estudantes de outros países.

A mobilidade académica contribui para um enriquecimento não só linguístico e cultural ao nível dos alunos, mas traz também vantagens ao nível das instituições de ensino uma vez que estes estudantes retornam com novas ideias que podem contribuir para a dinamização das universidades.

#### **Estatísticas portuguesas**

O ensino superior tem vindo a ganhar cada vez mais importância no panorama educativo em Portugal e a prova disso é o aumento no número de inscritos nas diversas instituições universitárias e politécnicos. Segundo os dados do GPEAR/MEC, no período correspondente a 2000-2001 e 2010-2011, o número de estudantes de nacionalidade portuguesa tem vindo a aumentar (tabela 6) com os indivíduos do sexo feminino a registarem maior representação com cerca de 53%.

Também a população estudantil estrangeira no país tem vindo a seguir a mesma tendência que os estudantes portugueses, ou seja são cada vez mais aqueles que escolhem Portugal para continuação de estudos. As mulheres são também aquelas que continuam apresentar maior representatividade (53%).

A nível das nacionalidades que constituem esta população, há que destacar que os dados recolhidos pelo GPEAR/MEC representam um pouco do que é a realidade imigratória portuguesa. Como foi referido no primeiro capítulo da presente dissertação, o Brasil continua a ser o país com maior representatividade no ensino superior, com 5.335 estudantes, seguido de Cabo Verde (3.355) e Angola (3.129).

Os países membros da CPLP representam cerca de 63,7% (13.904) do total da população estrangeira em Portugal.

<b>Nacionalidade</b>	<b>Sexo</b>	<b>2000/01</b>	<b>2004/05</b>	<b>2008/09</b>	<b>2010/11</b>
<b>Portuguesa</b>	H	160.555	160.044	165.337	174.416
	M	214.431	203.883	189.765	200.028
	HM	374.986	363.927	355.102	374.444
<b>Estrangeira</b>	H	6.106	8.840	8.663	10.211
	M	6.611	8.170	9.237	11.613
	HM	12.717	17.010	17.900	21.824
<b>TOTAL</b>		<b>387.703</b>	<b>380.937</b>	<b>373.002</b>	<b>396.268</b>

**Tabela 5 - Inscritos no ensino superior [2000- 2011] por sexo e nacionalidade**

Fonte: GPEAR/MEC(2012)

Também os estudantes da Ucrânia, Roménia e Moldávia têm vindo a ganhar cada vez mais expressividade ao longo dos últimos 10 anos, ascendo já aos 820 indivíduos. A nível da União Europeia, os países com maior representatividade são a Espanha (1.566), a Itália (616) e a França (596) e a Alemanha (420).

### **Universidade de Aveiro**

Ao longo dos últimos anos temos assistido a uma inversão dos fluxos migratórios, que fez com que internacionalização das instituições de ensino se tornasse um ponto de grande importância no panorama da educação. Passando a haver mais atenção por parte das entidades e uma preocupação especial para com a multiculturalidade.

A Universidade de Aveiro é uma instituição pública, que dispõe de autonomia administrativa e financeira e faz parte de um grupo de novas universidades que foram fundadas em 1973. Sendo uma instituição moderna destaca-se pela inovação nesse sentido, tem ao largo dos anos estabelecido vários protocolos e acordos de cooperação internacionais a fim de propiciar uma colaboração e intercâmbio cultural, científico e técnico, com vista a desenvolver toda a sua estrutura.

### **Estatísticas UA**

Atualmente, a Universidade Aveiro regista cerca de 15.000 estudantes vindos dos quatro cantos do país, mas não só.

Os estudantes migrantes são uma realidade que tem vindo a aumentar gradualmente e tem vindo a conferir cada vez mais diversidade à população estudantil da UA (Figura 4). Em 2006 o seu número era de 658, valor que quase duplicou em 2010 para os 1010

estudantes. Para este valor, em muito contribuem estudantes do programa Erasmus, que em 2010 eram 181.

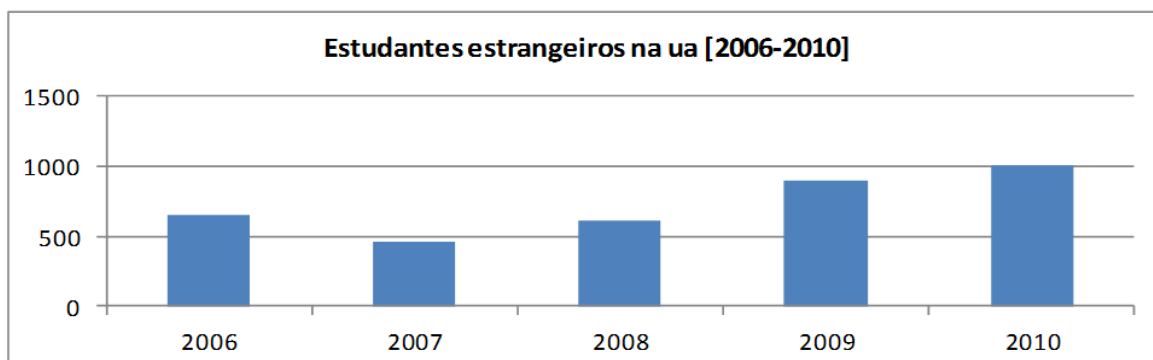


Figura 4 - Evolução do número de alunos estrangeiros da Universidade de Aveiro  
Fonte: GRI

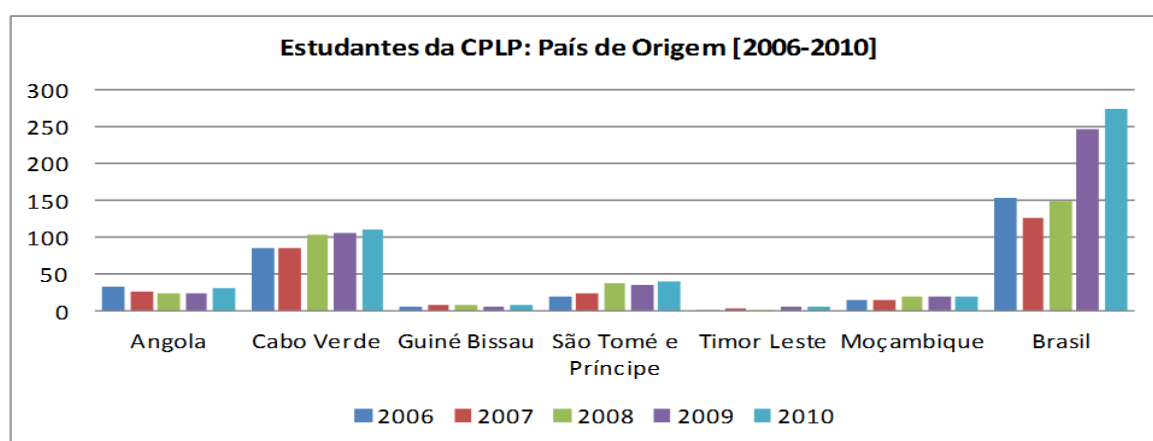


Figura 5 - Estudantes da CPLP: País de Origem [2006-2010]  
Fonte: GRI

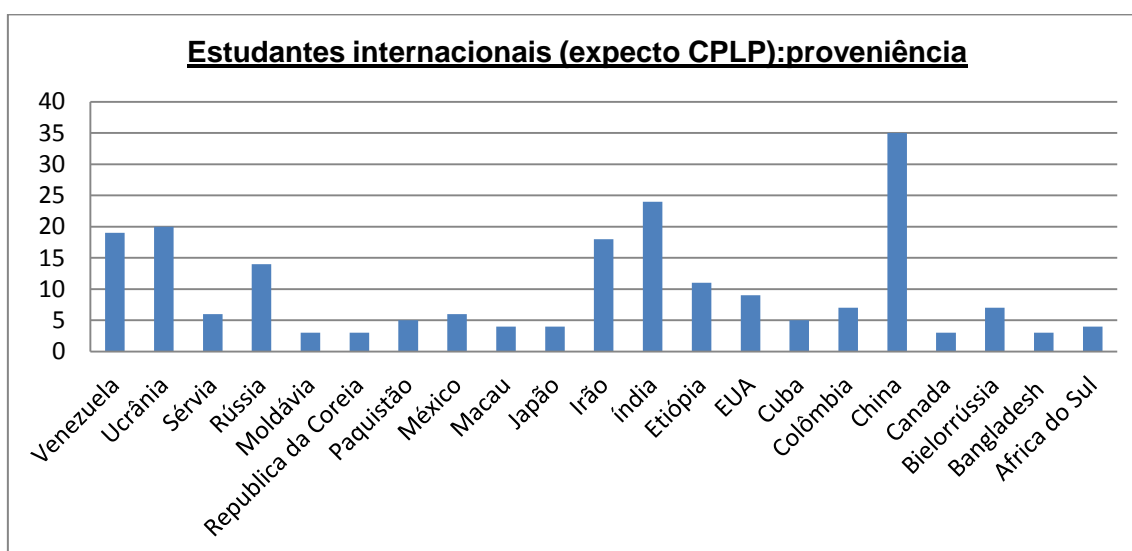


Figura 6 - Estudantes internacionais (exceto CPLP):proveniência  
Fonte: GRI

Outra característica é o fato da CPLP se revelar como a maior fatia de estudantes estrangeiros representando quase 50% da totalidade de estudantes estrangeiros. Neste grupo o Brasil destaca-se por ser o país com mais representatividade dentro deste grupo (Figura 5). Representatividade, esta que tem vindo a aumentar.

Finalmente, importa também referir que a média de idades dos alunos a frequentar o primeiro ciclo de estudos situa-se entre o intervalo [20-24] anos de idade.

### **Mobilidade estudantil**

A internacionalização das universidades é um fenómeno recente que contempla duas fases distintas. A primeira fase remonta à década de 60 tendo como pano de fundo os Estados Unidos da América e “a afirmação política e económica que acompanhou a Guerra Fria”; a segunda fase, na década de 80 na Europa, identifica-se com o aparecimento dos primeiros programas de apoio científico e de mobilidade de investigadores (Albino; 2008:9).

Atualmente, dado o fenómeno da globalização, a mobilidade tornou-se uma parte importante do percurso académico de muitos estudantes, pois permite adquirir competências pessoais, sociais e interculturais importantes ou seja trata-se de um meio fulcral para a aquisição e desenvolvimento de competências científicas, técnicas e pedagógicas, um novo modo de formação e ampliação de conhecimentos que fomenta uma crescente qualificação do recursos humanos, transferência de tecnologia e resultados de investigação científica (Silva, 1996:17).

Quanto aos modelos de mobilidade académica promovidos pela U.E., uns dos objetivos que estão adjacentes são o reforço da coesão europeia, que não assenta só na fomentação da aprendizagem das línguas intracomunitárias. Dado que este é um fenómeno incentivado por países de origem e destino, é perspetivado um cruzamento de conhecimentos que a longo prazo se traduzirá num favorecimento de trocas comerciais e no desenvolvimento de projetos de negócios internacionais, contribuindo para aumentar a competitividade europeia (Nunes, 2010).

Contudo, países que, apesar dos poucos recursos, continuam a investir na mobilidade académica incorrem na possibilidade de vir a perder o investimento, uma vez que podem não dispor de mercado para absorver essa mão-de-obra qualificada, acabando por se dar o fenómeno “*brain drain*” (Merçon, 2012).

Para Szarka (2003, cit. in Dalcin, 2011), o conceito de mobilidade de estudantil pode ser dividido em duas categorias. Por um lado, a mobilidade espontânea que abarca estudantes que se tenham matriculado nas instituições de ensino superior ao abrigo da

regulamentação e procedimento padrão, ou seja, não depende de qualquer tipo de apoio financeiro ou estrutural organizado (p.30).

Neste contexto, seria importante destacar que qualquer estudante internacional pode candidatar-se ao sistema de ensino em Portugal desde que sejam titulares de um curso de ensino secundário ou habilitação legalmente equivalente ou titulares de um diploma de especialização tecnológica ou de um grau ou diploma de ensino superior que pretendam uma requalificação profissional. A sua entrada e permanência em Portugal depende da concessão de visto e de autorização de residência para efeitos de estudo a nível de ensino superior (SEF, 2012).

Por outro lado, existe também a mobilidade organizada que abarca os deslocamentos estudantis que são incentivados por uma determinada instituição (Szarka,2003, cit. in Dalcin, 2011:30), como o conhecido programa de mobilidade Erasmus, do qual, segundo dados da Comissão Europeia<sup>17</sup> um total 231.410 estudantes europeus beneficiaram do programa Erasmus no ano letivo de 2010-2011.

Neste contexto, surge também a classificação de mobilidade estudantil segundo o tempo de duração. Sendo que a curto prazo refere-se a mobilidades num tempo máximo de um ano ao passo que a de longo prazo diz respeito a um ciclo de estudos completa.

Segundo Silva (1996), “Em termos estruturais os de programas de apoio à educação, investigação e formação traduzem-se na preocupação em fomentar a criação e o desenvolvimento de redes e parcerias entre instituições de ensino localizadas em diferentes países, de forma a gerar e sedimentar uma cooperação duradoura” (p.17).

Nesse sentido, existem modalidades de mobilidade que podem ser estabelecidos a nível das instituições de ensino superior que visam criar uma maior oferta educativa para o estudante que queira optar por uma experiência fora do seu país de origem. Uma delas é a formação em *sandwich*. Este programa diz respeito a estudantes que estão a frequentar um curso numa universidade, mas realizam investigação ou parte prática numa outra instituição. Existem 2 tipos de programa *sandwich*; um de longa duração que envolve um período de colocação longo para prática profissional e o programa de curta duração que se caracteriza por varias práticas profissionais de curta duração intercaladas por períodos de estudo.

Outra opção são os diplomas conjuntos que, segundo Pavel Zgaga (2004), são desenvolvidos e/ ou aprovados por duas ou mais instituições, sendo que os períodos de avaliação no qual o estudante obtenha aprovação são reconhecidos por as restantes instituições parceiras. Isto deve-se ao fato de todas as instituições envolvidas na parceria

---

<sup>17</sup> [http://europa.eu/rapid/press-release\\_MEMO-12-310\\_pt.htm](http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-12-310_pt.htm)

trabalharem em conjunto na criação do currículo e na cooperação nas admissões e avaliações.

*In the fast-spreading “Bologna slang” Joint Degrees are usually understood as “pillars of future European higher education development” or as least as best example of inter-university co-operation.*

(Zgaga,2004:1)

À data de término do curso é emitido um diploma conjunto entre as instituições envolvidas no processo. Trata-se de um programa que assenta numa boa parceria entre instituições, na qual a admissão de estudantes, a elaboração do currículo e reconhecimento do diploma têm de ser acordados entre as instituições parceiras para que não exista prejuízo para os discentes.

Por vezes categorizados como sendo parte da titulação conjunta, a titulação dupla trata-se de um tipo de formação que diz respeito a estudantes que prosseguem os estudos do seu curso em duas instituições de ensino superior, sendo que no final dos estudos o discente receberá um diploma de cada uma das duas instituições onde frequentou estudos. Spinelli (2004), de acordo com Hope (2008), aponta que a mobilidade estudantil em Portugal pode ser categorizada em três grandes grupos:

- Estudantes das ex-colónias portuguesas, no âmbito do apoio ao desenvolvimento, tendo como base acordos políticos e a partilha de uma língua comum. De acordo com os dados do GPEAR/MEC (2011), dos 396.268 estudantes inscritos nas instituições de ensino superior portuguesas (Hope,2008) os estudantes vindos da CPLP são o maior grupo de estudantes estrangeiro com 13.904 indivíduos, dos quais 7.226 são mulheres e 6.678 são homens. Estes estudantes dividem-se principalmente pelas áreas das ciências sociais, comércio e direito; engenharias, indústrias transformadoras e construção e pelas artes e humanidades.
- Filhos ou descendentes de emigrantes, como já foi referido anteriormente; temos assistido a um retorno de portugueses (SEF, 2011) e, sendo Portugal um país de forte tradição emigratória, é normal encontrarmos bastantes luso-descendentes entre os estudantes do ensino superior, especialmente nas instituições do norte do país.
- Estudantes a participar em programas de intercâmbio, contribuindo para uma aproximação das instituições de ensino superior nos países da zona euro. De entre os vários programas podemos destacar o programa Erasmus, programa que



entre 2008 e 2010, segundo o PALV (2010), contabilizou 19.000 participações, especialmente de alunos vindos da República Checa, Polónia, Itália e Espanha. Analisando os dados do GPEAR/MEC (2011) é possível também verificar que os estudantes estrangeiros existem em Portugal, mas são um grupo minoritário representado por 3.533 homens e 4.387 mulheres, num total de 7.920 indivíduos. As principais nacionalidades (com exceção dos países do CPLP) são espanhola, italiana, francesa e ucraniana, países com proximidade geográfica e com o qual Portugal já tem uma relação nos seus fluxos migratórios. Destacam-se aqui o caso de França onde se localiza uma das maiores comunidades emigratórias portuguesas e o caso da Ucrânia que se trata da segunda maior comunidade imigratória em Portugal.

### **Problemas de adaptação e integração dos estudantes internacionais**

O ingresso no ensino superior é, para muitos jovens, o culminar de uma longa permanência no sistema educativo. Trata-se do início de uma nova fase com novas experiências, dificuldades e desafios que contribuirão para o seu desenvolvimento pessoal e concretização do projeto de carreira que haviam idealizado. Representa um marco de novas exigências a nível pessoal, académico e social na sua vida. Entre muitas, algumas das alterações enfrentadas são a adaptação à universidade e ao novo sistema de ensino, a um novo ambiente social, e talvez a uma nova cidade e uma nova. Contudo, existe dentro deste grupo um nicho que diz respeito a estudantes que vieram de outras culturas, pessoas com vivências, hábitos e experiências de vida distintas da cultura de acolhimento. Estes estudantes estão sujeitos às mesmas exigências que os estudantes autóctones e às que lhe são impostas pela sua condição de estrangeiro. Este conjunto de fatores pode colocar em causa a sua permanência no ensino ou obtenção de sucesso no seu percurso académico. É neste sentido que surge a necessidade de aprofundar mais a problemática das dificuldades sentidas por estes estudantes. Abordaremos a seguir a questão da transição do secundário para o ensino superior e as motivações dos estudantes e aprofundaremos a temática da adaptação, analisando alguns estudos realizados a nível internacional. Finalmente, evidenciaremos os principais problemas e dificuldades de estudantes autóctones e estrangeiros.

### **Adaptação Académica**

Segundo GPEAR/MEC (2011), o número de estudantes inscritos no ensino superior no ano de 2011 era de cerca de 396.268. Este é um número extremamente importante dado que todos estes ingressos no ensino superior representam não só um novo desafio, mas

todo um novo conjunto de obstáculos e dificuldades de ordem académica, pessoal e social. Toda esta série de desafios que surge poderá vir a causar impactos negativos na adaptação ao ensino superior e na aprendizagem e no desenvolvimento do estudante (Santos & Almeida, 2000). Não esqueçamos também que alguns destes estudantes se encontram ainda a tentar resolver os conflitos de identidades típicos da passagem da adolescência para a idade adulta (Diniz & Almeida, 2005).

Devido às características de vulnerabilidade pessoal e social apresentadas por este grupo, surge a necessidade de um processo de integração eficaz e eficiente. Segundo Diniz & Almeida (2005), este processo está dependente de três variáveis: a dimensão pessoal, as competências sociais e as imposições académicas exigidas pela instituição.

Em relação ao contexto pessoal impõe-se as variáveis que dizem respeito ao bem-estar físico, psicológico e emocional, a autoconfiança e motivação, o apoio da família, a autonomia e o apoio financeiro. Com todas estas variáveis a ter em atenção, o período de transição, embora voluntário, pode ser gerador de *stress*, desmotivação, desinteresse, solidão e até em alguns casos depressão (Wintre & Sugar, 2000). Assim deve-se apelar a uma maior participação nas atividades preparadas para os estudantes de modo a estabelecer um processo equilibrado de integração social e académica.

Por outro lado, a componente social abarca as variáveis que ditam o bom relacionamento com os colegas, professores e funcionários, a criação de laços de amizade, a tolerância intercultural, o bom ambiente académico e a participação em atividades extracurriculares, culturais, associativas e recreativas. Sendo que esta dimensão tem grande influência em vários parâmetros do desenvolvimento intelectual e pessoal dos estudantes, contribui para um forte impacto na sua integração social e académica.

Por fim, a componente académica diz respeito à relação que o estudante trava com a instituição, ou seja, a relação que o estudante tem com o seu curso, toda a sua preparação académica anterior, o grau de satisfação que detém em relação ao curso e às matérias lecionadas, toda a estrutura física da instituição de ensino, o acolhimento realizado e a existência de programas de apoio.

Estas componentes e características são responsáveis pelo caráter complexo da integração académica e social. Este ritual de passagem do ensino secundário para o ensino superior, por si só, representa todo um novo conjunto de obstáculos na vida dos estudantes, e as instituições de ensino têm de estar atentas a estas dificuldades e promover um conjunto de estratégias com o objetivo de ajudar o estudante no seu processo de adaptação e integração.

## Análise de estudos

Atualmente, a realidade das universidades passa por corpo estudantil composto por um número substancial de estudantes internacionais, que representam um conjunto de ganhos e benefícios para o país e a instituição de acolhimento e em reconhecimento este obtêm os seus estudos superiores. Contudo, a toma de decisão em dar continuidade aos estudos fora do país de origem pode apresentar um vasto leque de desafios, inclusive problemas de adaptação.

Segundo Ward, et al. (2001), o estudante internacional detém uma migração que congrega características específicas. Primeiramente, a deslocação realizada é considerada temporária, traduzindo-se num tempo de permanência de 6 meses a 5 anos. Ao contrário do que acontece com outros tipos de viajantes interculturais como é o caso dos turistas, existe um maior compromisso para com o país de acolhimento, mas não tão forte quanto o de um imigrante.

A maior parte da literatura sobre o assunto debruça-se sobre a eficácia e as consequências comportamentais e cognitivas da transição entre culturas, e tem tentado estabelecer quais os fatores individuais, interpessoais, sociais, estruturais e económicos que são os mais fidedignos para prever um ajustamento cultural (Kagan & Cohen 1990; cit. in Ward, et al., 2001).

Segundo Hammer (1992; cit. in Ward, et al., 2001) existem quatro áreas que devem ter especial atenção: os problemas gerais, as reações psicológicas ao contacto com uma novo contexto cultural, as influências da comunicação e interação social na adaptação, e, uma vez que se tratam de estudantes, o processo de aprendizagem da nova cultura num contexto de cruzamento entre culturas é outro tema importante para os investigadores.

Neste contexto, é importante notar que, de acordo com um estudo levado a cabo em 1986 por Furnham & Bochner (cit. in Ward, et al., 2001), há cinco problemas que são partilhados entre os vários tipos de migrantes, designadamente a falta de preparação linguística e cultural, o preconceito, a discriminação, a saudade e a solidão. Por sua vez, em 2011, Sapranaviciute, et al.(2012) levou a cabo um estudo com uma amostra de 356 estudantes da Universidade de Ciências da Saúde da Lituânia e da Universidade Vytautas Magnus, Kaunas, dos quais 258 eram estudantes autóctones e 98 eram alunos estrangeiros originários das mais diversas zonas do globo, como: Austrália, Índia, Espanha, Coreia do Sul, Paquistão, Grã-Bretanha, Polónia, Rússia, Suíça entre outros. O estudo visava estabelecer associações entre estratégias de adaptação psicológica e *stress coping* em estudantes internacionais e nativos. Os resultados obtidos mostravam que as estratégias utilizadas divergiam entre os dois grupos. Estudantes nativos por um

lado, lidavam com o *stress* tornando-se mais concentrados e exprimindo as suas emoções, ao passo que os estudantes internacionais apresentavam uma tendência para procurar menos por apoio instrumental ou social. Segundo os autores este podia ser um fator para a falta de integração sentida pelos estudantes internacionais.

Segundo Fritz, et al. (2008), a aculturação é um processo que por norma contribui em muito para os aumentos dos níveis de *stress* e ansiedade nos estudantes internacionais. Através do seu estudo intitulado, “*Stressors, anxiety, acculturation and adjustment among international and North American students*”, Fritz verificou que nos resultados dos estudantes internacionais e dos norte-americanos não existiam diferenças significativas no que respeita à ansiedade, nem nas áreas de ajustamento social. Contudo, analisando cada fator mais pormenorizadamente junto de cada um dos subgrupos formados, os resultados mostram que os estudantes internacionais, apesar das suas diferentes etnias, partilham os mesmos problemas no que toca à adaptação a um novo ambiente.

Também ficaram evidenciados outros resultados. Recorrendo à análise dos dados por grupos de origem, verificou-se que estudantes asiáticos mostram muita dificuldade em lidar com uma nova língua e fazer novas amizades, ao passo que os estudantes europeus mostram a separação da família e amigos como sendo um dos fenómenos mais responsáveis pelo *stress*.

Outro fato interessante que foi revelado neste estudo foi o porquê dos estudantes asiáticos se sentirem sujeitos a mais pressão e ansiedade que os europeus ou americanos em relação ao sucesso nos seus estudos. Uma vez que a cultura asiática é coletivista, a possibilidade de falhar a nível dos estudos não é vista como um falhanço individual, mas por um fracasso de toda a família, de certa forma o peso e aspirações da família recai sobre cada um daqueles estudantes.

Este estudo dá também a conhecer que não existe uma tendência tão acentuada como as restantes nacionalidade em recorrer a psicólogos (Mori, 2000, cit. in Fritz, et al., 2008). Este fato estará associado ao estigma existente dentro da cultura chinesa em relação à partilha de problemas emocionais.

Por último, notamos um estudo realizado por Church (1982, cit. in Lee, et al., 2004) sobre estudantes internacionais que durou mais de 30 anos e que descobriu que os principais problemas encontrados por estes estudantes eram as dificuldades linguísticas, os problemas financeiros, a adaptação ao novo sistema educacional, saudades, adaptação às normas e costumes sociais e, em alguns casos, discriminação racial

Tendo como base os estudos anteriormente dispostos, estabeleceu-se uma listagem daqueles que são os potenciais fatores de *stress*: problemas linguísticos, diferenças a

nível acadêmico, discriminação, problemas de ordem sociocultural, e problemas de ordem prática.

### **Problemas Linguísticos**

A maior parte dos problemas enfrentados pelos estudantes migrantes prende-se na língua (Chen,1999). Isto deve-se ao fato de impossibilitar ou criar barreiras a nível comunicativo tanto a nível social como acadêmico.

A nível académico limita muito os estudantes no acompanhamento das aulas, na execução de trabalhos escritos e apresentações orais, o que pode resultar no insucesso académico. Neste aspeto, a língua inglesa assume grande relevância, uma vez que é a porta de saída para os estudantes compreender e se fazer compreender quer no meio social que no meio académico. Segundo um estudo realizado por Poyrazli, et al. (2001, cit. in Lueck, et al., 2010) com estudantes internacionais, existe uma correlação entre o nível de proficiência da língua inglesa e o esforço de adaptação.

A nível social, a língua representa uma barreira na tentativa de estabelecer amizades ou de comunicar com a comunidade local, conduzindo o estudante à isolamento e em alguns casos a problemas de saúde como estados de depressão e desconforto (Chen,1999; Mori, 2000).

### **Fatores de stress a nível académico**

Para os alunos a frequentar o ensino superior pela primeira vez existe todo um quadro de dificuldades associado (Diniz & Almeida, 2006). No caso dos estudantes de *background* migrante isso também é uma realidade, contudo a experiência é vivida com uma intensidade diferente devido ao *stress* linguístico e à adaptação a um novo ambiente educacional Lebecir, et al.(2008).

Quanto às aulas há a destacar as dificuldades de adaptação a metodologias de ensino diferentes e à postura dos estudantes nativos em relação ao docente. Estudantes oriundos de países onde o ensino impõe uma grande disciplina e autoritarismo podem ver o ensino da universidade de acolhimento como uma demonstrada falta de educação dos colegas para com o professor. Existe também a problemática das expectativas criadas pelos estudantes, que nem sempre se transfiguram no que é a realidade encontrada; por exemplo, a crença de que universidade de acolhimento tem excelentes condições ou a dificuldade com a língua que afeta o desempenho esperado (Chen, 1999; Mori, 2000). Quando o aluno não sabe lidar com a irrealidade das suas expectativas, este acaba por

experienciar um decréscimo da confiança para ultrapassar a desilusão da realidade que lhes é imposta (Chen, 1999). Também não esqueçamos o estudo realizado por Fritz et al. (2008), que demonstram a existência de nacionalidades que estão sob pressão familiar para atingir bons resultados académicos, tais como o caso da China.

### **Problemas de ordem sociocultural**

Os problemas de ordem sociocultural - como criar um novo grupo de amigos, por exemplo, estando separado da família e amigos de longa data - são aqueles que mais efeitos negativos poderão ter na vida numa nova realidade.

Um estudo levado a cabo por Townsend & Poh (2008) demonstra que as normas culturais e as barreiras linguísticas podem representar entraves na aptidão de estabelecer novas amizades, dado que a sua condição de deslocado poderá contribuir para que se estabeleça um quadro de solidão, depressão e saudades de casa no estudante internacional. Os investigadores Sawir, et al. (2008) conduziram um estudo com o objetivo de estabelecer se cerca de 200 estudantes internacionais australianos haviam experienciado o sentimento de solidão durante a sua estadia no estrangeiro. Os resultados obtidos mostravam que cerca de dois terços dos participantes experienciaram solidão e isolamento, contudo apenas nos primeiros meses da sua estadia.

Como foi referido ao longo deste capítulo grupos de diferentes contextos deixam-se afetar por problemas de aculturação distintos, também neste campo os estudantes asiáticos têm mais problemas de adaptação pelas características que lhes foram emanadas pela sua sociedade de origem (Triandis, 1999).

### **Discriminação**

A discriminação também é um fator de *stress* para com os estudantes internacionais. Segundo o estudo realizado por Lee & Rice (2007) com 24 estudantes internacionais de contextos étnicos variados como Asia, Índia, América latina e Médio Oriente a frequentar o ensino nos Estado Unidos da América, existe um significativo sentimento de vários tipos de discriminação desde inferioridade, insultos verbais diretos, discriminação quando procuram emprego e em alguns casos foram até contabilizados ataques físicos. Contudo, os Estado Unidos pelo grau de diversidade cultural que encerra poderá ser um caso mais de extremo, no entanto não foi possível encontrar um estudo onde se pudesse verificar a realidade Europeia, que talvez fosse importante.

Contudo, a discriminação, tal como os outros fatores de *stress*, traz um impacto negativo na experiência do estudante migrante que se pode caracterizar desde um mal-estar psicológico a estados de depressão que inevitavelmente se traduzirão numa falha no processo de adaptação

### **Problemas de ordem prática**

Os problemas que afetam estes estudantes não dizem só respeito ao foro psicológico, existem outros aspetos que também são causadores de mal-estar neste grupo.

De acordo com Rohrllich & Martin (1991; cit. in Ward, et al., 2001), num estudo efetuado a estudantes americanos de mobilidade na Europa, os principais problemas de ordem prática são a procura de habitação, a situação financeira, os trabalhos decorrentes do curso e a língua.

Por outro lado, Chen (1999) e Mori (2000) afirmam que a situação financeira é um problema que é experienciado pela maioria dos estudantes de *background* migrante, mas há também que contabilizar as restrições colocadas a nível de trabalho, maiores encargos da instituição, procura de habitação e os transportes.

O estudante em mobilidade pede mais facilmente auxílio para este tipo de problemas que para as outras descritas anteriormente (Henderson, et al., 1993; Matsubara & Ishikuma, 1993; cit. in Ward, et al., 2001), significando que estes problemas invisíveis são aqueles onde as instituições terão mais problemas em atuar. Neste campo, importa também referir o papel dos docentes e dos estudantes locais, que poderá ser vital para uma boa adaptação do estudante de *background* migrante.





## PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO

Esta parte da dissertação apresenta-se dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo consiste no enquadramento metodológico do estudo, onde se define a natureza, objetivos e hipóteses que orientaram esta investigação, a fundamentação e descrição do campo empírico e da amostra e a metodologia de recolha e análise dos dados. No segundo capítulo tendo em consideração os objetivos propostos para este estudo, proceder-se-á a análise e interpretação dos resultados recolhidos.

### CAPITULO IV - NATUREZA E PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO

Como referido anteriormente, o ingresso no ensino superior representa uma etapa na vida de um jovem adulto repleta de complexidade, principalmente ao nível das competências de gestão da expressão de emoções, das relações interpessoais, da aquisição e consolidação da identidade, da autonomia e do refinamento de crenças e valores (Chickering & Reisser, 1993, cit. in Diniz & Almeida, 2006).

Contudo, segundo Diniz & Almeida (2006), estes não são os únicos fatores influenciadores na adaptação e inserção do estudante. De acordo com estes autores, existe um grupo de teóricos que defende que o meio em que o estudante se encontra inserido também interfere não só no seu desenvolvimento, mas também na sua aprendizagem, através dos estímulos proporcionados a nível social e académico: o ambiente vivido na instituição, as interações entre os diversos elementos que formam a comunidade académica e as próprias experiências enquanto parte do corpo estudantil.

Neste contexto, torna-se crucial consciencializar as instituições de ensino superior para a realidade vivida por este grupo muito específico de estudantes, para que se possam criar estruturas visando dar respostas a algumas das necessidades por eles sentidas. Nesse sentido, este estudo propõe-se verificar as características, motivações e necessidades demonstradas por parte de um grupo de estudantes com diferentes *backgrounds* migrantes.

#### **Justificativa para a escolha do tema**

O interesse e a escolha do tema relacionado com a mobilidade e migração deve-se principalmente à experiência pessoal vivida neste campo e a vontade de clarificar uma realidade que, ao meu entender, não está bem compreendida nas instituições.

Baseada em experiências pessoais relacionadas com migração interna, internacional e participação em programas de mobilidade e após algumas pesquisas foi possível verificar

que não existem muitos estudos ligados ao tópico dos estudantes internacionais em Portugal.

## **Objetivos**

Com vista ao desenvolvimento desta investigação empírica e de acordo com o exposto no ponto anterior, identificou-se como objetivo principal verificar a existência de características, motivações e necessidades partilhadas por parte de um grupo de estudantes com diferentes *backgrounds* migrantes.

Além deste, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender as motivações que os levaram a continuidade aos seus estudos fora país de origem;
- Perceber se existe alguma relação pré-estabelecida e qual a sua motivação para escolher Portugal como seu país de eleição;
- Averiguar se o insucesso escolar se verifica;
- Identificar e compreender os problemas com que estes alunos possam ter-se deparado no seu processo de integração;
- Identificar as diversas dificuldades e necessidades que estes estudantes sentiram na adaptação à instituição;
- Elaborar uma lista de recomendações/sugestões

## **Interrogações**

Atendendo a estes objetivos pretende-se obter informações que permitam dar resposta às seguintes perguntas:

- O que leva estes estudantes a sair do seu país de origem e virem estudar para Portugal?
- O que leva estes estudantes a escolher a Universidade de Aveiro para continuação de estudos?
- Que barreiras/problemas encontraram no seu processo de integração?
- O insucesso escolar é uma realidade na vida académica destes estudantes?
- O que poderia ser feito para amenizar choques culturais ou barreiras que se colocam?

## **Descrição da amostra**

A amostra estabelecida para este estudo é muito restrita sendo que se destina a um grupo de alunos muito específico. É composta por: onze estudantes do Departamento de

Línguas e Culturas (DLC), Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial (DEGEI), Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território (DCSPT) da Universidade de Aveiro; estudantes que tenham vindo estudar para Portugal, apenas para efeito de frequência no ensino superior do 1º e 2º ciclo de estudos.

Não fazem parte alunos que estejam em Portugal ao abrigo de programas de intercâmbio de estudantes, nomeadamente: Erasmus, Campus *Europae*, entre outros. Contudo, alunos que tenham participado anteriormente nestes programas foram considerados.

Durante a identificação da amostra, tentou-se que esta fosse a mais diversificada possível, para que estudantes oriundos das mais diversas geografias pudessem usufruir de representatividade.

Quanto à justificação para a amostra, tem-se verificado que este grupo de estudantes não detêm qualquer estrutura de apoio ou orientação, ao contrário do que acontece com os participantes em programas de mobilidade como Erasmus, que dispõem dentro da universidade de entidades como GRI ou ESN que procuram prestar auxílio, informar e integrar estes estudantes.

A não-inclusão de estudantes dos PALOP neste estudo de caso deve-se ao fato de, através da literatura institucional consultada, ter-se verificado que este é um grupo que tem as suas necessidades já identificadas e conta com associações dentro e fora da instituição para a prestação de apoio e/ou orientação destes alunos especificamente.

Finalmente, em relação à escolha dos departamentos, a escolha de departamentos que de algum modo estão ligados às ciências sociais prende-se com vontade de dar alguma homogeneidade à amostra.

Por seu lado, abordar apenas os alunos de licenciatura ou mestrado deve-se a uma questão de gestão de tempo e à própria maturidade da amostra. Estudantes de doutoramento e investigadores representam um número muito significativo na comunidade estrangeira da UA, pelo que não seria possível, no espaço de tempo disponível à realização do seu estudo, incluí-los, além de que já são pessoas com mais idade e experiência de vida o que pode significar que tenham uma mentalidade e uma abertura à mudança diferentes dos alunos de licenciatura ou mestrado.

### **Plano de trabalho**

Dada a natureza do problema em estudo, assim como os objetivos delimitados, foi imprescindível obter algumas informações por parte dos estudantes de *background* migrante definidos na amostra. Para este efeito realizou-se um plano de investigação que compreendeu as fases a seguir descritas:

- Identificação da amostra:

Uma vez que não existe uma base de dados que disponha informações que permitam identificar de maneira clara e exata os estudantes viáveis de participar neste estudo, optou-se por fazer recurso às redes sociais;

- Elaboração de um questionário:

Elaborou-se um inquérito que visa-se alcançar os objetivos que foram propostos, sendo que o inquérito contou com 38 perguntas fechadas para uma análise mais fácil e rápida dos dados recolhidos;

- Aplicação do questionário a três estudantes:

Realizou-se o inquérito a dois estudantes selecionados para a amostra e a um estudante Erasmus, para realização de ajustamentos e correções;

- Aplicação do questionário:

Aplicação do inquérito final à amostra selecionada para obtenção dos dados necessários para dar resposta aos objetivos e questões de investigação;

Recolha, análise, interpretação e discussão dos resultados obtidos.

- Elaboração do 2º questionário:

Elaborou-se um segundo inquérito, recorrendo aos serviços de uma rede social, com vista a aprofundar os dados recolhidos anteriormente.

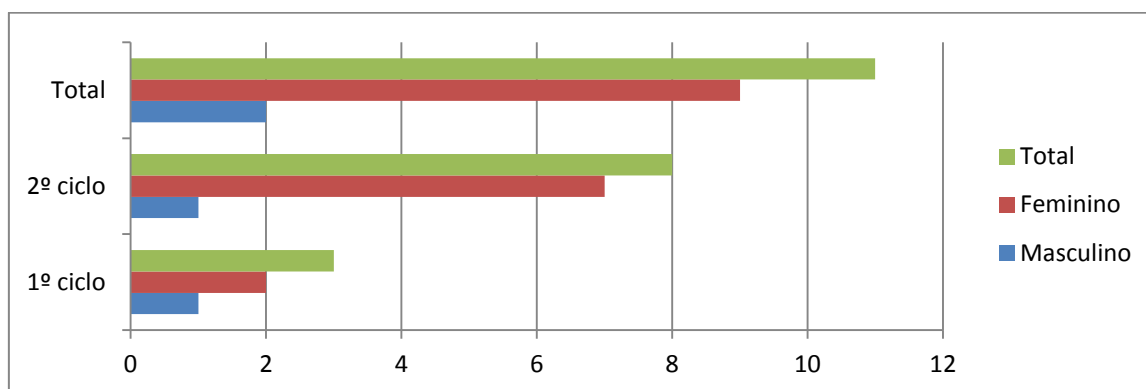
- Análise, interpretação e discussão dos resultados obtidos.

## CAPÍTULO V - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS

### Caraterização geral

A amostra obtida, composta por 11 elementos, demonstra um desequilíbrio em termos de sexo, visto apenas dois dos inquiridos serem do sexo masculino como é possível verificar na Figura 7. De certa maneira demonstra a tendência que tem vindo a notar-se a nível da mobilidade académica europeia onde, segundo o Eurostat, existem mais indivíduos do sexo feminino a participar em programas de mobilidade e intercâmbios.

De notar também que o número de estudantes migrantes tem mais representatividade no segundo ciclo de estudos, talvez pela maturidade e pelo conhecimento que adquiriram no decorrer do primeiro ciclo dos seus estudos.



**Figura 7 - Estudantes por ciclo de estudos e por sexo**

Fonte: própria

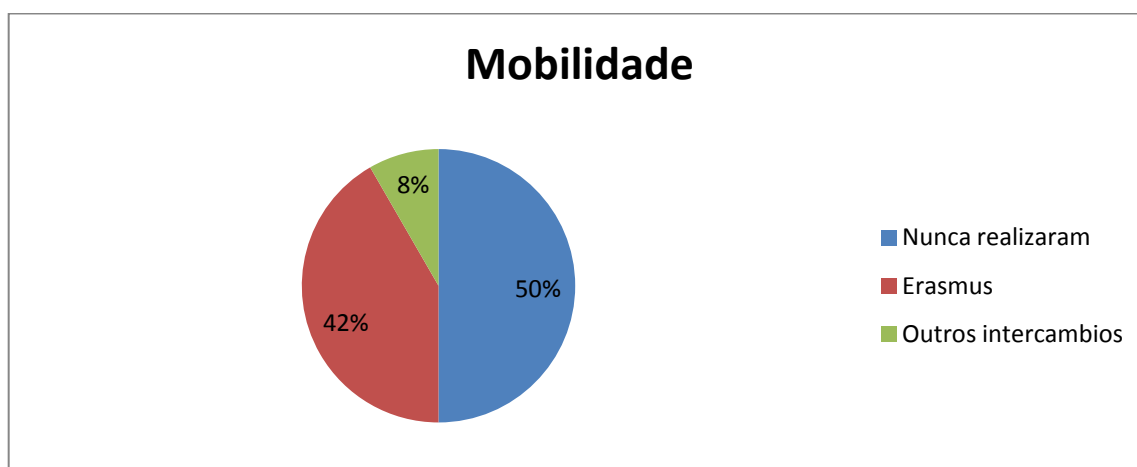
Também a idade é um fator importante, e os estudantes de primeiro ciclo detêm uma média de idades de 23-24 anos. Quanto aos estudantes de segundo ciclo, verifica-se que as idades vão dos 22 aos 26 anos, o que lhes confere uma média de idades na ordem dos 24 anos de idade.

Como foi referido nos capítulos anteriores a Universidade de Aveiro tem visto sua população de alunos migrantes a aumentar e a diversificar-se. Apesar de a amostra recolhida ser relativamente pequena, já demonstra a diversidade existente no corpo estudantil da UA. Como se pode verificar na Figura 8, foram recolhidas seis nacionalidades distintas: brasileira, francesa, canadiana, venezuelana, suíça, sul-africana e ucraniana. A nacionalidade brasileira é a que detém mais representatividade, o que vai de acordo com dados disponibilizados Merçon (2011), sendo que este é o grupo de estudantes estrangeiros mais numeroso na UA.



**Figura 8 – Estudantes por nacionalidade**  
**Fonte:** própria

Em termos de mobilidade, pode verificar-se na Figura 9 que para muitos destes estudantes a vinda para Portugal representa a sua primeira mobilidade. Há contudo casos de alunos que já realizaram mobilidade ao abrigo do programa Erasmus e uma estudante que efetuou também um intercambio.

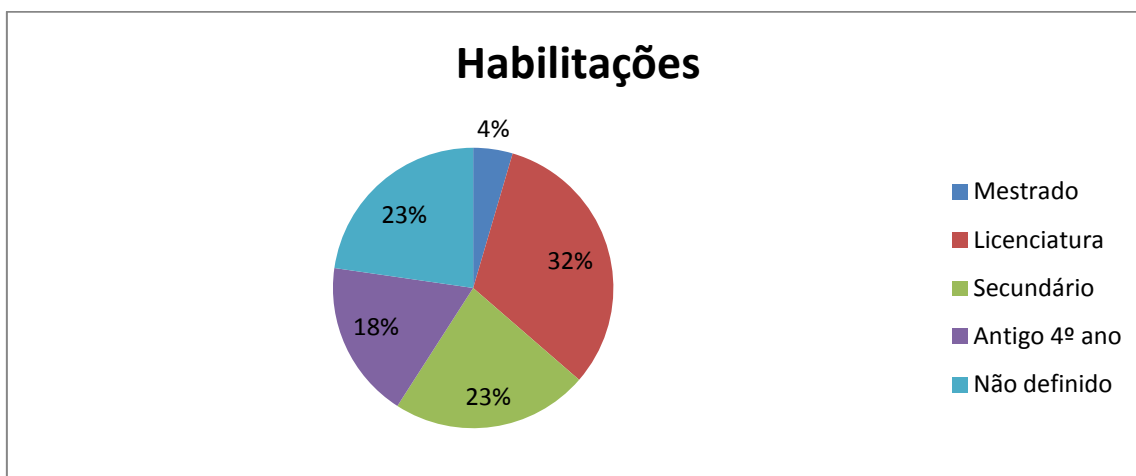


**Figura 9 - Estudantes por mobilidade**  
**Fonte:** Própria

### Caraterização a nível familiar

Torna-se importante caracterizar a situação e a relação familiar destes estudantes, sendo que as saudades dos entes queridos é um dos principais fatores de afetação psicológica em estudantes em mobilidade internacional. Em termos de habilitações académicas, de acordo com a Figura 10 cerca de 32% dos pais dos inquiridos pertencem a quadros superiores; os restantes dividem-se entre ensino secundário (22%) e o antigo quarto ano

(18%). Existe ainda um número relevante de inquiridos que desconhecem as habilitações académicas dos seus progenitores (18%).

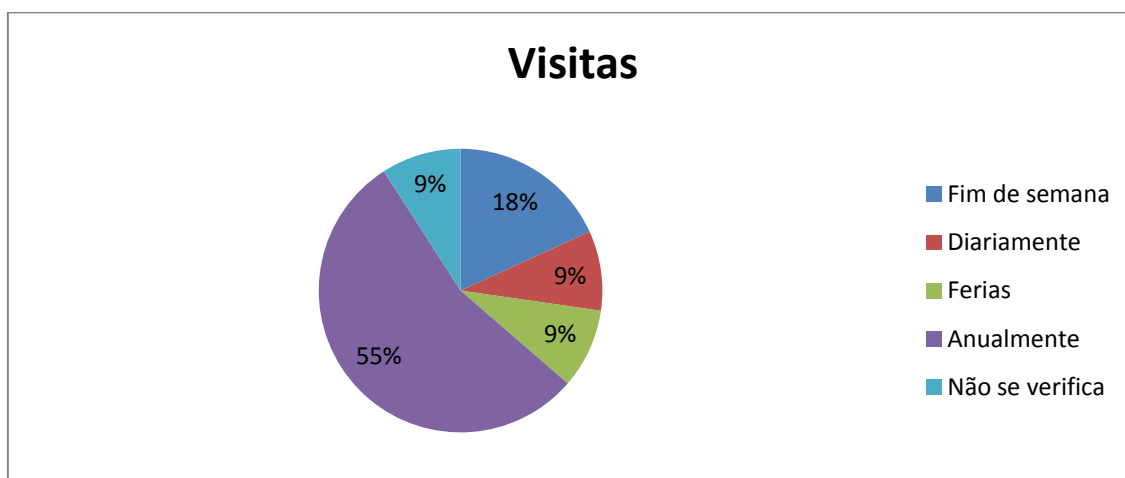


**Figura 10 - Habilitações académicas dos progenitores**

Fonte: Elaboração própria

Podemos também verificar que 36% são filhos de emigrantes, 63% da amostra detém algum tipo de laço familiar com Portugal o que indica que poderão ser descendentes portugueses, mas de 3ª geração.

Quanto ao ambiente e relação familiar destes estudantes, cerca de 63% mantém contacto diário com os familiares, sendo que o restante mantém um contacto semanal. A nível das ferramentas de comunicação recorrem-se principalmente das plataformas de comunicação como *Facebook*, *Skype* e telefone, mas existe ainda uma minoria que faz recurso a carta e correio eletrónico.



**Figura 11 - Regularidade das visitas aos familiares**

Fonte: Elaboração própria

A reunião familiar também foi alvo de referência no inquérito. Cerca de 55% da amostra reúne-se com a sua família apenas uma vez por ano. As restantes reuniões acontecem ao fim de semana (18%), diariamente (9%) e nas férias (9%). Existe uma da resposta que afirma que a reunião com a família é um evento que ainda não se verificou.

### Caraterização da vida social

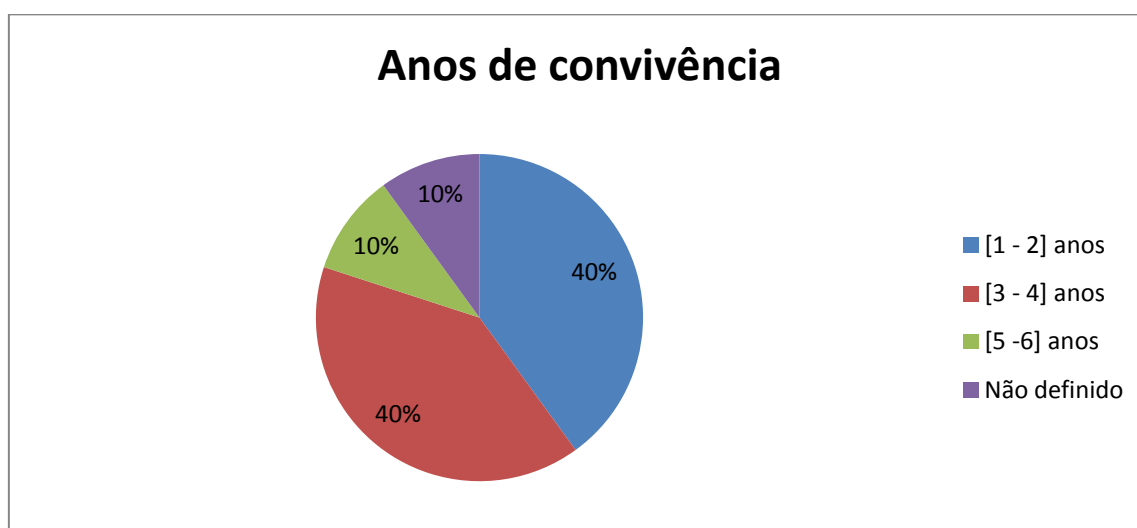
“Define um conjunto de pessoas que interagem partilhando uma determinada finalidade e que em resultado disso desenvolvem um conjunto de normas e valores partilhados que estruturam a sua ação coletiva e adquirem consciência de si próprios como membros do grupo”

(Ferreira, et al., 1996)

A afiliação (Ferreira, *et al.*, 1996) é uma necessidade sentida desde sempre pela espécie humana. A pertença a um grupo serve para satisfazer várias necessidades de âmbito sócio afetiva. Neste contexto, é importante analisar o relacionamento que estes estudantes têm com os demais estudantes.

A totalidade da amostra demonstra, durante o ano letivo, a pertença a um grupo de amigos principais com quem se relaciona em média há 2 anos e meio.

A nível da composição de grupos, a maioria é composta por colegas de curso, sendo que os colegas de casa também têm algum destaque. A maioria destes estudantes (55%) vive em apartamentos compartilhados; os restantes dividem-se entre casas de familiares (27%) e residências (18%). Em média, os estudantes inquiridos qualificam o ambiente em casa como muito bom.



**Figura 12 - Anos de convivência entre o grupo de amigos**  
Fonte: Elaboração própria



Quanto às saídas durante a semana, estes alunos saem em média 2 dias por semana e não existe entre eles um grande interesse na participação das atividades levadas a cabo pelas diversas entidades que constituem a universidade.

Ainda neste âmbito, quis-se ainda saber o quanto sentiram a sua vida social ser alterada. Cerca de 73% declara que sentiu uma grande alteração nos seus hábitos sociais.

### **Caraterização da vida académica**

De acordo com as respostas obtidas sabe-se que a maioria dos inquiridos realizou a totalidade dos seus estudos no seu país de origem, com exceção de um dos estudantes que, durante o 1º e 2º ciclo, realizou estudos em Portugal, conferindo-lhe já algum conhecimento sobre a cultura e o sistema de ensino português. Apesar das diferenças entre os distintos sistemas de ensino, a maioria dos estudantes (72%) assegura não ter qualquer cadeira em atraso. Sendo que a média de classificação do total da amostra é de 15,8 valores.

Em termos de metodologia de estudo, 54,5% dos inquiridos prefere estudar sozinho e 45,5% em grupo.

### **Caraterização das motivações**

Os seres humanos são motivados pelo desejo de satisfazer um certo número de necessidades complexas, que se encontram organizadas hierarquicamente pela importância. Só à medida que cada grupo de necessidades é satisfeito, o nível seguinte se torna mais importante.

(Maslow, 1943)<sup>18</sup>

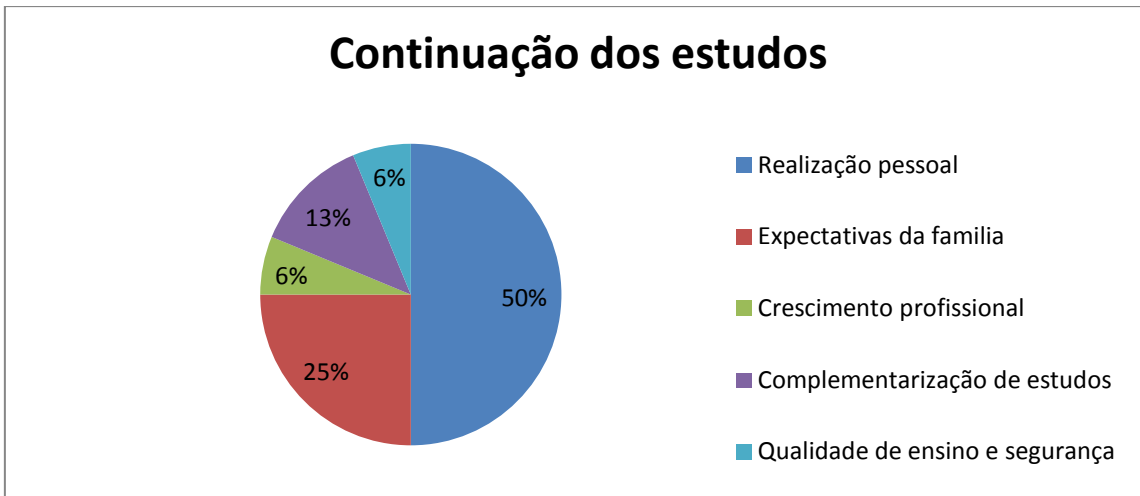
Reconhecendo a importância da motivação no sucesso e bem-estar dos estudantes, tentou-se verificar qual a motivação por trás de algumas das escolhas dos inquiridos.

De acordo com a Figura 13 é possível verificar que o principal motivo para continuação dos estudos é a realização pessoal. Também as expectativas da família representam uma grande preocupação e motivação para estes alunos prosseguirem estudos ensino superior.

Por seu lado, quanto à motivação (Figura 14) para sair do seu país, esta prende-se principalmente com o desejo de conhecer uma nova cultura.

---

<sup>18</sup> Maslow, A. H. (1943)..A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50: 390-6

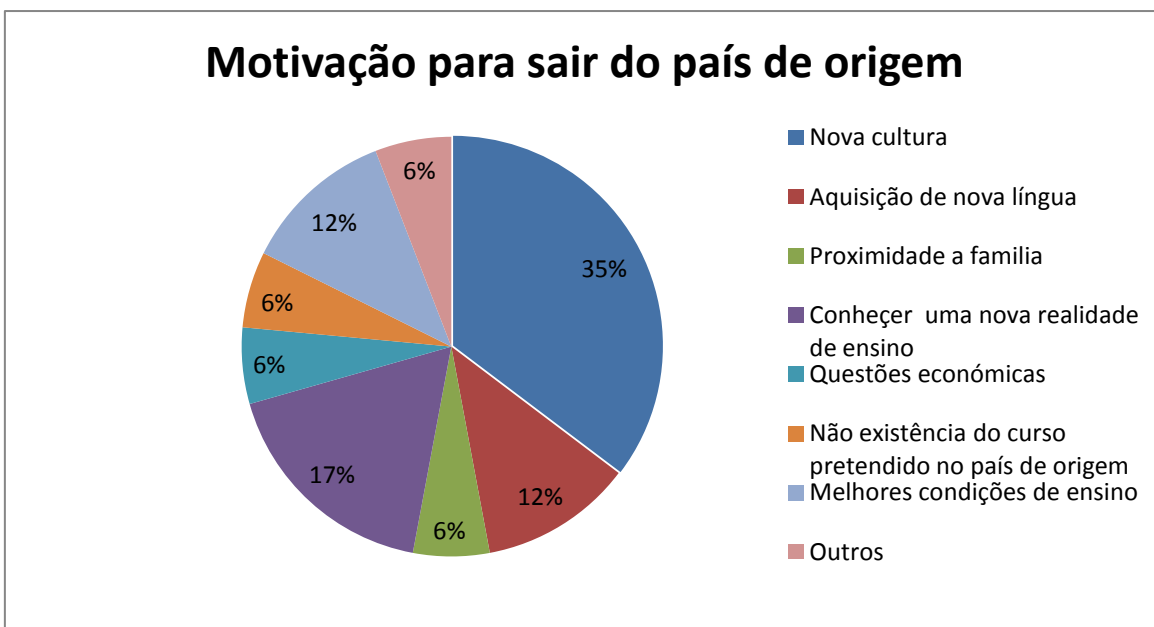


**Figura 13 - Motivação para continuação de estudos**

Fonte: Elaboração própria

Também a aquisição de um novo idioma e conhecer uma nova realidade de ensino são motivações importantes para estes alunos.

Os inquiridos começaram a tomar consciência da vontade de prosseguir estudos no exterior, na maioria, entre as idades de 15 – 24 anos de idade, ou seja, em média aos 19 anos.

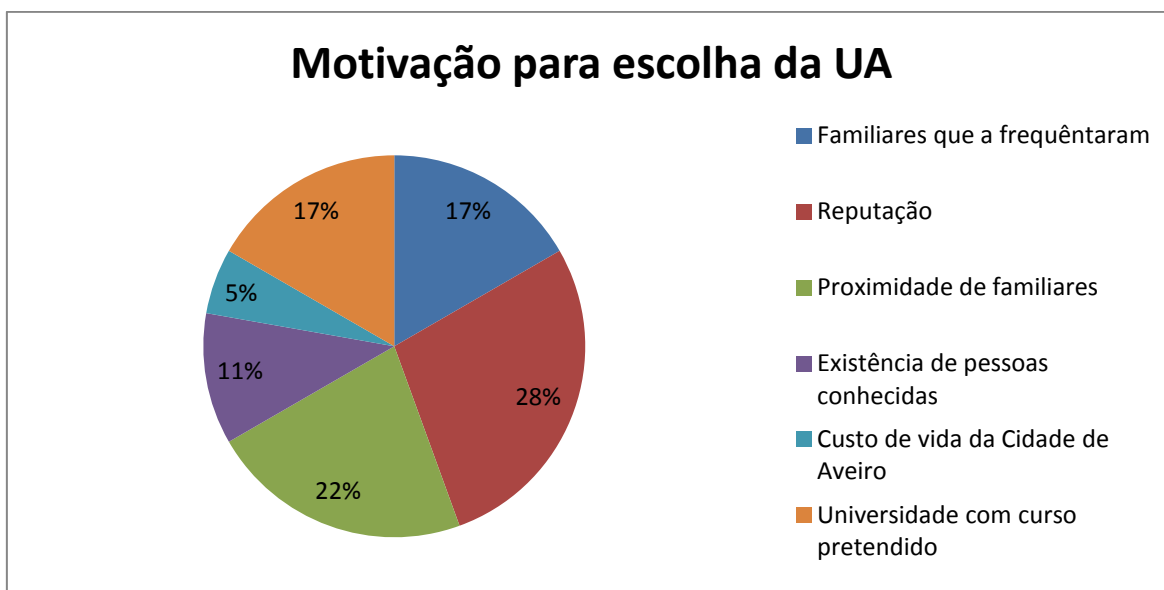


**Figura 14 - Motivação para prosseguir estudos fora do país de origem**

Fonte: Elaboração própria

Quanto à escolha de Portugal como país de destino, por muitos destes estudantes serem descendentes de emigrantes portugueses emerge neles um anseio por aprofundar o conhecimento das suas raízes. A proximidade ao país de origem ao nível linguístico e cultural também representa uma motivação. A par destas motivações destaca-se ainda a necessidade de estar próximo da família e o baixo custo de vida do país.

Por seu lado, a escolha da Universidade de Aveiro assenta principalmente na reputação que esta tem vindo a adquirir ao longo dos anos.



**Figura 15 - Motivações para escolha da UA**

Fonte: Elaboração própria

A proximidade de familiares também é um dos motivos principais, assim como a diversidade na oferta de ensino disponibilizada pela instituição.

### **Caraterização de problemas**

Nesta parte do trabalho pretende-se realizar a caraterização de problemas e levantamento de necessidades que possam ter surgido a estes estudantes.

Como referido anteriormente, foi realizado um segundo inquérito contendo perguntas abertas a fim de completar a informação recolhida no inquérito em relação ao inquérito (anexo 2) foi estabelecido de modo a centrar-se em três pontos distintos: a chegada à universidade, a sala de aula e a relação com a instituição.

Tendo em consideração o nosso quadro teórico, procedeu-se à análise descritiva dos dados com o intuito de verificar os resultados obtidos.

A primeira parte dava enfoque à chegada a Aveiro, tentando perceber o estado de espírito e as dificuldades que tiveram no primeiro contacto com a instituição, a cidade e o momento de se instalar segundo as respostas obtidas, verificou-se que a maioria dos estudantes inquiridos deu entrada na UA sem qualquer tipo de apoio por parte de amigos ou familiares. Nesse aspeto, um dos inquiridos salienta que:

*“Não há um suporte de chegada, nem um atendimento personalizado. Sinto que a Universidade meio que “abandona” o aluno. Como se ele soubesse os procedimentos e atividades. Acredito que falta essa atenção e cuidado com o recém-chegado.”*

*Inquirido nº 1- Brasil*

Também as praxes foram referidas. Apesar de a maioria achar que têm um grande valor em termos de integração do estudante, no primeiro contacto com essa tradição académica, os sentimentos vividos não foram dos mais agradáveis causando algum desconforto nos recém-chegados:

*“Vim sozinha, fiz a inscrição e á saída fui praxada. Não percebi nada do que me estava a passar, nunca tinha ouvido falar das praxes. Lembro-me que na altura achei horrível, estava cheia de medo e pintaram-me toda e fizeram-me correr pelo meio das pessoas a dizer coisas parvas. Como se não bastasse nesse dia ainda tive de ir aos serviços sociais para me informar dos alojamentos e tive de ir toda riscada.”*

*Inquirida nº 8 – Africa do Sul*

*“Nesse dia fiz a minha inscrição. Na saída fui praxado, foi um pouco estranho e confuso ter toda aquela gente de volta de mim a fazer uma data de perguntas que na altura eu não percebia bem do que estavam a falar nem o que era suposto fazer.”*

*Inquirido nº 4 – Canadá*

Em relação à sua instalação em Aveiro, grande parte dos estudantes afirma ter não ter sentido qualquer tipo de complicação, apenas estranheza, resultante da mudança de ambiente.

Contudo, em alguns casos, houve alguns estudantes que sentiram dificuldades e que tiveram inclusive de mudar de casa por problemas com os colegas e com os senhorios, após se iniciarem o período de aulas:

*“Não, foi o normal. Visitei 2 casas até encontrar uma que tivesse condições que procurava, infelizmente acabei por mudar de casa ao final de um mês por não ser capaz de me dar com os meus colegas de casa.”*

*Inquirido nº 4 – Canadá*

*“Sim, tive de mudar de casa, a minha senhoria tinha a mania de entrar em casa quando não estávamos e controlava tudo, até quem trazíamos, ao final de um mês eu e uma colega resolvemos mudar, foi uma situação muito chata.”*

*Inquirido nº9 – Franco-lusa*

Durante a procura de casa também as dificuldades financeiras estão enfatizadas em algumas das inquirido pela procura de casas baratas e referências a um alto nível de vida em relação ao país de origem. As dificuldades de comunicação com os senhorios, também foi um ponto referido, assim como problemas ligados às residências universitárias:

*“Nothing I wasn’t expecting. It’s hard to find a place, not all the people speak English and the price of the houses is double compared to my country. “*

*Inquirida nº11 – Ucrânia*

*“Foi estranho, fiquei numa residência e o quarto onde esteava era partilhado com mais 3 pessoas e comiam-me a comida que comprava. Depois consegui mudar-me de residências e deixei de ter problemas”*

*Inquirida nº8 - Africa do Sul*

No segundo ponto, cujas perguntas abrangiam a relação estabelecer dentro da sala de aula, estabelecendo-se um cruzamento entre as dificuldades de aprendizagem e a integração dos estudantes.

*“As aulas eram horríveis, tinha a ajuda dos meus colegas mas os professores não ajudam-me em nada e não conseguiam perceber que eu tinha dificuldades nas línguas e reprovei muitas vezes; por isso eram muito insensíveis.”*

*Inquirido nº 8 – Africa do Sul*

Existem ainda quem descreva a existência de preconceito por parte de colegas derivados da falta de proficiência linguística da estudante e mesmo em relação à nacionalidade por haver um enraizamento na mentalidade portuguesa que indivíduos do sexo feminino de nacionalidade brasileira estão ligados à promiscuidade ou estão ligados à imigração ilegal.

*“Senti dificuldade junto ao SEF. [...]A impressão que fica é que somos pessoas “ilegais” ou que vamos tomar o emprego ou oportunidade das pessoas. O serviço não tem qualidade e coloca muitos obstáculos. Não é um facilitador.”*

Inquirido nº 1 – Brasil

*“Isso de chamarem avec é muito irritante, não gosto. Acontece muito dentro e fora da UA, para mim é uma falta de respeito. Só porque tenho o sotaque francês tenho de ficar ouvir piadinhas. Tenho pena que as pessoas ainda fazem isso, mostra que ainda há muita falta de sensibilidade, para quem vem de fora.”*

Inquirida nº3 – Franco Lusa

*“Sim, por colegas, funcionários, pessoas de fora da universidade e até mesmo familiares. É algo que ninguém gosta de deixar passar ao lado do sotaque ou as dificuldades que uma pessoa possa sentir em termos linguísticos. Aqui no norte, recorre-se muito à expressão “Avec” que para mim é horrível e de uma enorme falta de respeito para com as pessoas que tal como eu vieram de país com língua francesa.”*

Inquirida nº7 - Suíça

*“Da parte de alguns colegas, por ser brasileira faziam alguns comentários. Pegava forte era quando saía à noite. Acho que existe um estigma muito grande em Portugal em relação à mulher brasileira, nem tudo é garota de programa.”*

Inquirido nº5 – Brasil

Por fim, no ponto três foram estabelecidas perguntas no sentido de perceber se existe alguma dificuldade de comunicação e divulgação entre o estudante e a instituição a nível

dos serviços de apoio. Em termos dos apoios prestados pela comunidade académica existe ainda algum desconhecimento por parte de alguns destes alunos, talvez derivado da falta de necessidade de a ele recorrer. Quanto á utilização destes serviços recorrem mais aos cuidados médicos, alojamento e as aulas de Português como língua estrangeira.

Com relação à comunicação com a instituição existem alguns problemas em lidar com a burocracia e a “falta de vontade” por parte de alguns funcionários.

A estrutura física da UA também foi alvo de alguns reparos. Em especial os balções de atendimento do CICUA e os serviços de saúde aparecem segundo os inquiridos com estando situados em locais “escondidos” ou “refundidos”.

O dia da inscrição é aproveitado por muitos dos estudantes para conhecer a universidade. Nesse sentido, houve alguma dificuldade em localizar os diversos edifícios do campus e a (in) existência de um mapa que permita uma melhor orientação por parte de quem visita o campus pela primeira vez foi referido.

*“A maior dificuldade que encontrei foi descobrir quais os departamentos onde ia ter aulas, pois não estão bem sinalizados, só existe um mapa do campus e não é na reitoria, para um aluno de fora isto pode ser complicado.”*

Inquirida nº 6 – Venezuela

Por fim, quando questionados se gostariam de salientar algum aspeto em termos das dificuldades sentidas, apenas três estudantes quiseram destacar que a UA deveria ter um papel mais ativo juntos do SEF e os funcionários dos serviços de secretariado e apoio deviam apresentar mais boa vontade para a resolução dos problemas dos estudantes.

## **Discussão de resultados**

Nesta parte, iremos discutir e interpretar os resultados do estudo empírico realizado no âmbito desta dissertação à luz dos objetivos do estudo e os pressupostos teóricos revistos que constam nos capítulos anteriores, confrontando-os com resultados de outros estudos já apresentados. Apontaremos, igualmente, o que nos parecem ser as principais limitações desta investigação, bem como pistas que poderão ser desenvolvidas, constituindo o foco de novas investigações.

## **Limitações**

O principal foco desta dissertação foi auscultar alunos que estivessem inseridos em contexto de migração estudantil internacional, que realizaram a sua mobilidade sem se

encontrarem ao abrigo de qualquer tipo de programa de intercâmbio, que pertencessem a departamentos ligados às ciências sociais a frequentar licenciatura ou mestrado.

Em relação ao método de contacto e recolha de dados utilizados, não cremos que tenha sido o mais adequado à situação, uma vez que é muito difícil verificar certas características através das redes sociais, também neste caso se levanta o problema da falta de participação das pessoas, mesmo sendo uma amostra extremamente pequena e do contacto ser feito de um modo mais direto (via *chat*) e não por correio eletrónico, houve algumas dificuldades em fazer com que as pessoas participassem. Apesar de ser um assunto que dizia diretamente respeito aos participantes e onde se esperava que manifestassem o desejo de participar e expressar uma opinião sobre o tema, tal não se verificou.

Outra limitação foram as restrições por nós impostas na hora de definir a amostra e as suas características. Acabou por torna-se a maior limitação a nível do estudo de caso. Subestimou-se o número de estudantes que satisfaziam as características que procurávamos, a restrição colocada a nível dos departamentos acabou por prejudicar ainda mais o trabalho.

### **Interpretação e discussão dos resultados**

Na dimensão pessoal, a amostra na sua generalidade comporta idades que variam entre os 22 e os 28 anos e em frequência de mestrado, o que indica que, em termos de maturidade, já têm perspetivas diferentes do mundo e uma identidade já estabelecida ao contrário dos estudantes de licenciatura.

Em termos de diversidade, apesar do reduzido número de elementos que compõe a amostra, é possível verificar alguma multiculturalidade existente na instituição, pois existe representação de sete nacionalidades distintas. Em termos de sexo as mulheres são prevaletentes,

Em relação as motivações, existe um variado leque de razões que têm relevância para as escolhas.

A globalização tem cada vez mais peso no mercado de trabalho, o que faz com que cada vez mais jovens apostam em sair do seu país de origem com o objetivo de alargar os seus conhecimentos culturais e linguísticos, como é o caso da maioria dos elementos da amostra.

No entanto, verificou-se que 36% da amostra é descendente de indivíduos de nacionalidade portuguesa e 63% tem algum tipo de ligação familiar ao país, ou seja, há uma margem de estudantes que vêm para Portugal sem qualquer tipo de ligação familiar.



Este fato vai de acordo com a afirmação de Pires (1999), de que a migração é principalmente realizada quando as pessoas têm algum tipo de enraizamento histórico ou linguístico com o país de acolhimento.

Outro dado que também fica patente é o fato de a manutenção do ambiente familiar ser realizada à distância, já que o contacto com a família é realizado via plataformas virtuais ou telefone, também devemos denotar que 55% destes alunos apenas se reúne com a família uma vez por ano, o que os coloca numa situação muito delicada, para alguém que está sujeito a um processo de aculturação. Este fato poderá indicar que um dos principais fatores de stresse entre este grupo é a saudade da família e amigos. Apesar da insuficiência de dados, este poderá ser uma área a estudar mais profundamente no futuro, visto já existirem estudos como Orr & MacLauchlan (2000) e Firtz, et al.(2008) que apontam para a ideia que as maiores dificuldades dos jovens europeus a estudar fora do seu país de origem é a gestão do *stresse* de estar separado da família e amigos.

Para a maioria destes estudantes, a vinda a Portugal trata-se da primeira experiência em mobilidade a nível académico.

Neste contexto, também a existência de laços familiares com Portugal poderá ser visto como um fator facilitador do seu processo de adaptação e integração dentro da sociedade e da comunidade académica, mas não só. Nos dados recolhidos e dado que a maioria dos estudantes é descendente de emigrantes, o laço estabelecido com Portugal através da sua família mostra-se um fator muito valorizado na sua escolha.

Quanto à escolha da Universidade de Aveiro deve-se a um variado leque de razões. A UA é uma universidade que tem vindo cada vez mais a ganhar renome no estrangeiro, através da qualidade de ensino e pela diversificação da oferta de cursos. O concelho de Aveiro, como acontece com muitos concelhos do norte do país, é um dos grandes polos emigratórios (SEFSTAT, 2011). Existem não só em Aveiro, mas nos concelhos vizinhos um grande número de famílias de emigrantes. Isso torna a UA uma das instituições de eleição para aqueles que desejem prosseguir estudos na sua terra natal, ou dos seus pais ou avós. Daí os resultados obtidos indicarem que a proximidade a familiares era o principal motivo de escolha da Universidade de Aveiro com instituição para prosseguir estudos de nível superior.

Em relação aos problemas, à chegada à UA, a maior parte dos inquiridos não dispunha de qualquer tipo de ajuda, e este fato provocou, em alguns casos, constrangimentos na procura de acomodação. Os inquiridos revelam alguma falta de informação uma vez que os SASUA dispõem de uma listagem de acomodações que poderiam ter sido passadas a

estes alunos, simplificando a sua procura e mesmo minimizando alguns dos problemas que sentiram ao lidar com os senhores.

Tudo isto vai de encontro à informação do quadro teórico que indicava que os problemas que afetam estes estudantes não dizem somente respeito ao foro psicológico, existem outros aspetos que também são causadores de mal-estar neste grupo (Rohrlich & Martin, 1991; cit. in Ward, et al., 2001; Chen, 1999; Mori, 2000).

O estudante em mobilidade pede mais facilmente auxílio para problemas de ordem prática como procura de casa ou ajuda financeira que para problemas de ordem psicológica (Henderson, et al., 1993; Matsubara & Ishikuma, 1993; cit. in Ward, et al., 2001), significando que estes por serem invisíveis serão aqueles onde as instituições terão mais problemas em atuar. Neste campo, importa também referir o papel dos docentes e dos estudantes locais, que poderá ser vital para uma boa adaptação do estudante de *background* migrante.

A sala de aula também apresentou algumas dificuldades para a correta integração dos estudantes, e em alguns casos se mostrou ser um processo moroso e difícil. Estes problemas prendiam-se principalmente com dificuldades na língua, à diferenciação de conhecimentos, e mesmo à existência de grupos fechados, ideias também suportadas pelo estudo de Townsend & Poh (2008). Este último fator aplica-se especialmente a estudantes de mestrado, devido à existência de grupos pré-estabelecidos durante a licenciatura que se mantêm durante o mestrado e que dificulta a afiliação de novos elementos.

Apesar das dificuldades de relacionamento, a generalidade dos estudantes continua a preferir a realização de trabalhos de grupo, porque facilita uma maior interação com os colegas e permite a criação de amizades dentro do curso. Ainda na sala de aula, destacam-se também as diferenças entre as metodologias de ensino. Quanto à relação estudante/docente, existem algumas dificuldades na interação, mas na generalidade é classificada como satisfatória, o que leva a concluir que alguns dos problemas que possam existir estão ligados a situações pontuais.

Dentro da sala de aula, a problemática da língua é a mais causadora de transtornos segundo estes alunos e, em alguns casos, ficou demonstrada uma certa resignação de que a realidade passa por ter de lidar obrigatoriamente com esses problemas.

Segundo Henderson *et al.* (1993) e Matsubara & Ishikuma (1993, cit. in Ward, 2001), os estudantes internacionais não têm por hábito procurar ajuda no que toca a cuidados de foro psicológico; a amostra selecionada apresenta os mesmos resultados. Não existe

uma preocupação ou consciencialização em relação aos problemas pelos quais estão a passar.

Tentou-se também verificar problemas de ordem discriminatória, e, neste contexto, perguntou-se aos inquiridos se alguma vez haviam sido alvo de algum tipo de preconceito. Dos 11 inquiridos 7 deles afirmam já terem sido sujeitos a esse tipo de problemas, sendo que 6 deles afirmam ter sido alvo de discriminação por parte de colegas, 2 por parte do corpo docente e um dos inquiridos por parte da sociedade civil. Este fato demonstra que ainda existe alguma insensibilidade para o fato de a pessoa estar deslocada do seu contexto cultural de origem.

A nível da relação estabelecida com os recursos humanos da instituição, foram levantados vários problemas quanto à sua eficiência e qualidade do atendimento. Em termos das estruturas físicas e serviços, ficou a ideia de que existe uma falta de informação, uma vez que a maioria dos alunos não conhece todos os serviços disponibilizados pela UA, e de alguma dificuldade em encontrar o local onde são prestados os cuidados de saúde e os CICUA.



## CONCLUSÕES

A presença de estudantes estrangeiros é uma realidade que se tem vindo a verificar cada vez mais, assim tem-se tornado um tópico de interesse por parte das instituições de ensino superior por razões internas e externas.

A criação de um espaço europeu comum na área da educação, que se deu com a instauração do Processo de Bolonha entre 1999 a 2010 veio harmonizar a oferta formativa das instituições de ensino superior europeias através do reconhecimento e facilidade de transferência de créditos. Este passo permitiu abrir ainda mais os horizontes quer de estudantes quer das universidades. Deste modo tem-se vindo a verificar por toda a Europa a existência de cada vez mais estudantes europeus com diplomas obtidos em universidades fora do seu país de origem.

Dar continuidade aos estudos é uma matéria que para a maioria dos jovens é importante, seja por que motivo for. Na amostra ficou patente que a par da realização pessoal, corresponder às expectativas da família é um fator muito importante no momento da toma de decisão destes jovens, mas não é um fator de stresse: Contudo, isto não se aplica a todos os estudantes internacionais da mesma maneira. Por exemplo, para estudantes vindos da República Popular da China o mais importante é não perder a cara perante a família, e conseguir o sucesso académico é crucial. Estes traços estão enraizados na própria cultura do indivíduo; no caso da China trata-se de um país com uma cultura coletivista, característica que se reflete nos seus estudantes.

No caso da amostra também não existe tanto essa problemática uma vez que a maior parte dos estudantes são de sociedades que não apresentam características de uma cultura coletivista, e o fato de a maioria ter ligações a Portugal indica a transmissão de alguns traços da cultura portuguesa

Também a escolha de Portugal como país de destino é influenciada pela cultura, visto que a grande parte tem algum tipo de relação com o país e o desejo de estudar em Portugal parece ser incitado pelos laços que a família tem ou estabeleceu com Portugal, e até mesmo com a língua do país.

O fato de existir uma língua partilhada é um fator motivador; contudo, nos estudos trata-se da principal razão de queixa por parte dos estudantes. É também interessante verificar que apesar das dificuldades não só da língua, mas de novas metodologias de ensino e um ambiente escolar diferente, estes alunos são capazes de contornar as dificuldades atingindo o sucesso escolar. Isto deve-se talvez à sua condição de estrangeiros, à

sensibilidade que os docentes possam demonstrar e à necessidade de se adaptar, que façam com que sejam alunos esforçados.

Apesar dos esforços torna-se crucial às instituições disporem de uma estrutura de apoio adequada a todos os estudantes que compõe a sua comunidade estudantil, independentemente do seu contexto cultural, sendo capaz de dar resposta às suas necessidades.

Em termos de recomendações:

1. O primeiro contacto com a instituição é extremamente importante no que toca à passagem de informação, não só para o estudante, mas se possível com a própria família. A estrutura familiar é um elo de decisão, aconselhamento e apoio muito importante para o estudante durante o seu período de deslocação. A informação a ser passada no momento da inscrição deveria incluir informações que contribuíssem para o bem-estar do estudante. Mesmo no caso da família isto permitiria criar um sentimento de segurança em relação ao serviço prestado pela instituição, e utilizar a família como mediador do bem estar e apoio psicológico e social que a instituição possa vir a ter de prestar.
2. Programas de acolhimento poderiam fazer melhor recurso da praxe académica. Trata-se de uma tradição, que apesar de num primeiro momento ser intimidante para os estudantes, poderia ser uma mais-valia no sentido de divulgação de informação e orientação. As visitas ao campus disporem de uma maior organização e estabelecer prioridades na informação a ser prestada.
3. Criação de um banco de voluntariado com a finalidade de prestar apoio aos estudantes, um pouco à semelhança do programa Erasmus *buddy*. Assim, o estudante teria alguém com quem contactar e que pudesse prestar apoio, nas visitas ao campus para ficarem a conhecer as estruturas físicas, à própria cidade e aos serviços prestados, através de um contacto mais pessoal.
4. Segundo a amostra, as atividades em grupo são muito valorizadas dentro das aulas onde existem estudantes de contextos culturais distintos; numa fase inicial era importante apostar em pequenos trabalhos em grupo de modo a criar abertura na turma para estes estudantes, fomentando a sua inclusão.

5. Apesar de já ser uma prática recorrente, nas situações onde existam estudantes com dificuldades linguísticas, de adaptação à metodologia de ensino ou mesmo falta de conhecimentos básicos, os docentes devem incitar esses alunos a recorrer às OTs, de modo a terem um acompanhamento mais pessoal.
6. Estudantes vindos de fora do espaço europeu revelam a existência de problemas ligados à burocracia associada ao SEF. Nesse sentido, seria pertinente estabelecer algum tipo de protocolo ou criar infraestruturas que permitissem ajudar os estudantes a lidar com esta instituição e as burocracias por elas levantadas.
7. Ações de sensibilização e divulgação cultural junto dos estudantes locais de modo a criar empatia com a multiculturalidade encerrada na instituição e sensibilizar para a sua inclusão.
8. Apesar de difícil, seria importante ter estes estudantes bem identificados para que sejam mais fácil à instituição estabelecer um plano de atuação que permita um melhor apoio, aconselhamento e integração. Este plano podia passar pela organização de *workshops*, atividades culturais e desportivas ou atividades interculturais.

As ideias propostas são simples. Algumas delas passam apenas por melhorar e fazer um melhor recurso das estruturas já existentes. A nosso ver, a tentativa de aproximar a família à instituição seria algo proveitoso, não apenas no sentido de assegurar o bem-estar do estudante, mas também na manutenção e melhoramento da imagem da instituição junto das famílias e sociedade. Dado o peso que a família tem na decisão dos estudantes é algo que seria importante analisar.

## BIBLIOGRAFIA

- ACIDI (2011) "Os ucranianos em Portugal". *B-i, Março/Abril nº89*, pp.3-6.
- ALBINO, S. (2008) *As Políticas Europeias de Investigação e a Internacionalização da Universidade de Lisboa*, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa. Lisboa orientadora: Alves, Teresa
- ALBUQUERQUE, R., FERREIRA, L. & VIEGAS, T (2000). *O fenómeno associativo em contexto migratório: duas décadas de associativismo de imigrantes em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- BARRETO, A.(org).(2005) *Globalização e Migrações*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- BRANCO, J. P. (2001), "A comunidade portuguesa em França (I e II) ", *Janus*, pp. 148-151.
- FIBBI, R.(org).(2010). *Les Portugais en Suisse*. Office Fédéral des migrations [em linha][http://www.swissinfo.ch/media/cms/files/swissinfo/2010/12/diasporastudie\\_portugal\\_f-29092438.pdf](http://www.swissinfo.ch/media/cms/files/swissinfo/2010/12/diasporastudie_portugal_f-29092438.pdf) [consultado 12/07/2012]
- BAGANHA, M. I., MARQUES, J. P. (2001a), "A inclusão social e laboral dos imigrantes e das minorias étnicas", *idem* (orgs.) *Imigração e Política o Caso Português*. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 52-54.
- BAGANHA, M. I., MARQUES, J. P. (2001b), "Tendências no sentido da formação de uma classe étnica", *idem* (orgs.) *Imigração e Política o Caso Português*. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 68-70.
- BISHOP, A. J. (1999). *Enculturación matemática: la educación matemática desde una perspectiva cultural*. Buenos Aires: Paidós,
- Berry, J.W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29, pp.697-712
- CABRAL, A. & VIEIRA, X. (2007). *Políticas integrativas e conceitos ligados às Migrações*. *Antropológicas*, 10, pp. 369-407.
- CASTLES, S.(2005). *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios*. Lisbon: Fim de Século
- CASTLES, S.(2002). Migration und Community Formation under Conditions of Globalization. *Center for Migration Studies of New York* 36:4, pp.1143-1168
- CASTRO, A. G. (2011). Abordagens teóricas da migração internacional. *Revista eletrónica – Interdisciplinar*, 5 pp:23-29; disponível na url: [



<http://www.univar.edu.br/revista/downloads/migracaointernacional.pdf>] consultada em 03/04/2012

- CHEN, C. P. (1999). Common stressors among international college students: Research and counseling implications. *Journal of College Counseling*, 2, 49–65.
- Dalcin V. L. (2011). A mobilidade dos estudantes universitários: contribuição para o desenvolvimento da interculturalidade, Dissertação apresentada ao Instituto de educação da universidade de lisboa
- DINIZ, A. M., & ALMEIDA L.(2005). Escala de Integração Social no Ensino Superior (EISES): Metodologia de construção e validação. *Análise Psicológica*, 23 (4), 461-476.
- DINIZ, A. & ALMEIDA, L. (2006) *Adaptação à Universidade em estudantes do primeiro ano: Estudo diacrónico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional*. *Análise Psicológica* (2006), 1 (XXIV): 29-38
- EUROSTAT(2011). Demography Report 2010. European Union. Website:[[http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_OFFPUB/KE-ET-10-001/EN/KE-ET-10-001-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KE-ET-10-001/EN/KE-ET-10-001-EN.PDF)]
- FRITZ M. V.; CHIN D. & DEMARINIS V. (2008). Stressors, anxiety, acculturation and adjustment among international and North American students. *International Journal of Intercultural Relations*, 32, pp. 244–259
- FONSECA, M. L. (2003) Dinâmicas de integração: estratégias e protagonistas. In: Congresso Imigração em Portugal: Diversidade - Cidadania – Integração, Lisboa: ACIME. p.107-140.
- FIOLEAIS, R. (2002), “Imigração e Mercados de Trabalho em Portugal”, *idem* (org.), *Dimensão Social e Imigração*. s.l: s.e, 95-106.
- FERREIRA, J. M. C., NEVES, J., ABREU, P. N. & CAETANO, A. (1996). *Psicossociologia das Organizações*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal.
- GÓIS, P. & MARQUES, J. C. (2008), [Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal](#), in Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. Lisboa: ACIDI, IP, 87-104.
- Gomes, C.(n/a). Os Estudos de Imigração: Sobre algumas implicações políticas do método. Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível na [url:\[http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-i/FCRB\\_CharlesPGomes\\_OsEstudos\\_de\\_imigracao\\_sobre\\_algumas\\_implicacoes\\_politicas\\_do\\_metodo.pdf\]](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-i/FCRB_CharlesPGomes_OsEstudos_de_imigracao_sobre_algumas_implicacoes_politicas_do_metodo.pdf), consultado a 16/04/2012

- GPEARI/MEC (2012).Relatório de [Inscritos no Ensino Superior \[2000-2001 a 2010-2011\]](http://www.gpeari.mctes.pt/es), [em linha] <http://www.gpeari.mctes.pt/es> [consultado a15/02/2012]
- HARRIS, J. R. & M. J. TODARO (1970), “Migration, Unemployment, and Development: A Two-sector Analysis”, *American Economic Review* 60, 126–43.
- HENDERSON, G., MILHOUSE, V. & CAO, L. (1993). Crossing the gap: An analysis of Chinese students’ culture shock in an American university. *College Student Journal*, 27, 380–389.
- HOPE J.(2008) The Bologna Process and Student Mobility in Norway and Portugal. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro
- INE(2010). Estatísticas demográficas 2010. Instituto Nacional de Estatística, IP
- KULAITIS, F.(2009). “Assimilação” e “multiculturalismo”: vertentes de um debate para abordar as migrações internacionais. 1º Seminário nacional sociologia e política
- LEBCIR, R.M., WELLS, H. & BOND A.(2008).Fators affecting academic performance of international students in project management courses: a case study from a British Post 92 University’. *International Journal of Project Management*. 26 (3) pp. 268-274
- LEE, J., KOESKE, G. & SALES, E.(2004).Social support buffering of acculturative stress: a study of mental health symptoms among Korean international students.*International Journal of Intercultural Relations*,28, pp.399–414
- Lee, J. J. & Rice, C. (2007). Welcome to America? International student perceptions of discrimination. *Higher Education*, 53, 381–409.
- LEWIS, W. Arthur (1954). “Economic Development with Unlimited Supplies of Labor,” *Manchester School of Economic and Social Studies*, Vol. 22, pp. 139-91.*Janus* (2011), pp. 133-142
- LUECK, K. & WILSON, M. (2010).Acculturative stress in Asian immigrants: The impact of social and linguistic fators.*International Journal of Intercultural Relations*, Volume 34, nº 1, January 2010, Pages 47–57
- MACHADO, F.L. (2002).*Contraste e continuidades – Migração, Etnicidade e integração dos Guineenses em Portugal*. Oeiras, Celta editora
- MALHEIROS, J. (org.)(2007).*Imigração brasileira em Portugal*. Comunidades. Lisboa
- MALHEIROS, J.(1996), *Imigrantes na região de Lisboa. Os anos de mudança*, Edições Colibri, 1.ª edição, Lisboa.

- MALHEIROS, J. (2006), “Integração social e profissional de imigrantes, refugiados e minorias étnicas”, 5, 1-43. [em linha], <http://www.equal.pt/Documentos/publicacao/Disseminar%205.pdf> [consultada a 03/10/2012]
- MALHEIROS, J. (2010) “Portugal 2010: O regresso do país de emigração?”, Janus.net, e-journal of International Relations volume 2, n.º 1, pp. 133-142. [em linha] Disponível em [http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol2\\_n1/pt/pt\\_vol2\\_n1\\_not3.pdf](http://observare.ual.pt/janus.net/images/stories/PDF/vol2_n1/pt/pt_vol2_n1_not3.pdf) [consultado em 23/06/2012]
- MALHEIROS, J. M.(2011). Promoção da Interculturalidade e da Integração de Proximidade: Manual para Técnicas/os.ALCIDI.Lisboa
- MARCUSÁN, A.K. (Coord.)(1996).VII Simpósio: procesos migratórios y relaciones interétnicas. Zaragoza, Instituto Aragonés de Antropología.
- MATOS, C.(1993), *Migrações: decisões individuais e estruturas sociais*, SOCIUS Working Papers, ISEG, 5/93
- Massey D. S.; Arango, J.; Hugo G., Kouaouci A.; Pellegrino A.; Taylor, E. J. (1993), *Theories of international migration: a review and appraisal*, Population and Development Review, Vol. 19, Nº 3, pp. 431-466
- MERÇON, A. B. (2011).*Brasileiros da Universidade de Aveiro : integração e representações*.Tese de mestrado: Ciências da Educação - Formação Pessoal e Social, Departamento de Educação da Universidade de Aveiro
- MIPEX III(2010) [em linha] <http://www.mipex.eu/> [consultado 02/09/2012]
- MORI, S. (2000). Addressing the mental health concerns of international students. *Journal of Counseling and Development*, 78, 137–144.
- NUNES, F. (2010) *A mobilidade académica de estudantes e a inserção profissional: o caso dos licenciados em Geografia e Planeamento*. XII coloquio Ibérico de Geografia, porto
- OIM(2010). world migration report 2010, Disponível na url:[ [http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR\\_2010\\_ENGLISH.pdf](http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR_2010_ENGLISH.pdf) ], consultado a 06/05/2012
- ONU (2009). *Relatório de Desenvolvimento Humano 2009.UNDP*. Disponível na url:[ [http://hdr.undp.org/en/media/HDR\\_2009\\_PT\\_Complete.pdf](http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf) ]. Consultado a 05/04/2012

- -(2011).International Migration Report 2009. Disponível na url:[ <http://www.un.org/esa/population/publications/migration/WorldMigrationReport2009.pdf>] consultado a 05/04/2012
- -(2011b).Relatório da Situação da População Mundial 2011. UNFPA. Disponível na url:[ <http://www.un.org/files/PT-SWOP11-WEB.pdf> ] consultado a 05/04/2012
- PALV(2010) [em linhas] <http://pt-europa.proalv.pt/public/PortalRender.aspx?PageID=2b2206b0-b6aa-11df-934b-00127991ef2a> [consultado a 12/09/2012]
- PASCARELLA, E.T.,TERENZINI, P & HIBEL, J. (1978). Student-faculty interactional settings and their relationship to predicted academic performance. *Journal of Higher Education*, 49(5), 450-463.
- PATARRA, N. L.(2006). Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estud. av.* 20:57, pp. 7-24. ISSN 0103-4014.
- PEIXOTO, J.(2004).As Teorias Explicativas das *Migrações*: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. SOCIUS Working Papers, N°11. SOCIUS – Centro de . Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações Instituto Superior de Economia e Gestão Universidade Técnica de Lisboa . Lisboa
- - (2007). Tráfico, contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal, *Sociologia, Problemas e Práticas* n.53, pp. 71-90
- PEREIRA, F. C. (2007).Associativismo migrante e participação cívica: Dinâmicas organizativas das associações de imigrantes Angolanos, guineenses e europeus de leste na área metropolitana de Lisboa. Tese de Mestrado em Relações interculturais, Universidade Aberta, Lisboa.
- PEQUITO, J. (2009) Tese de estrado em economia e política social. *Políticas de imigração, estado de bem-estar e população imigrante em Portugal*. Universidade Técnica de Lisboa - Instituto Superior de Economia e Gestão ORIENTAÇÃO: Prof. Doutor João Alfredo dos Reis Peixoto
- PIORE, M. J. (1979), *Birds of Passage. Migrant Labor and Industrial Societies*, Cambridge, Cambridge University Press
- PIRES, S. (2009).A segunda geração de imigrantes em Portugal e a diferenciação do percurso escolar: jovens de origem cabo-verdiana versus jovens de origem hindu-indiana. *ACIDI Coleção Teses*, nº23 ( ISBN 978-989-8000-78-1)
- PIRES, R. P. (2003) – *Migrações e integração. Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*. Celta editora, Oeiras.

- PIRES, R. P. (1999) Uma teoria dos processos de integração. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa: CIES. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, No30 p. 9-54.
- PIRES, R. P. (2003), *Migrações e Integração. Teoria e aplicações à sociedade portuguesa*, Celta editora, s/e, Oeiras.
- PORTES, A. (1999), *Migrações Internacionais. Origens, tipos e modos de incorporação*, Celta editora, 1.ª edição, Oeiras.
- Quality Assurance Agency for Higher Education.(2012), *Glossary*, [em linha] <http://www.qaa.ac.uk/AboutUs/glossary/Pages/default.aspx> [consultado a 01/10/2012]
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (1995) – *Sociologia das migrações*. Universidade Aberta, Lisboa.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (2001), *História da imigração em Portugal (I e II)*, Janus 2001 – Anuário de Relações Exteriores, Lisboa, pp. 170-171.
- ROVISCO, M. L. (2001), "[Panorama histórico da emigração portuguesa](#)", *Janus* (2001), pp. 138-139.
- SANTOS, S.M. (2000). As responsabilidades da Universidade no acesso ao Ensino Superior. In A.P. Soares, A. Osório, J.V. Capela, L.S. Almeida, R.M. Vasconcelos & S.M. Caíres (orgs.), *Transição para o Ensino Superior*. (pp 69-78). Braga: Universidade do Minho.
- SAPRANAVICIUTE, L.; PERMINAS, A. & PAUZIENE, N.(2011). Stress coping and psychological adaptation in the international students. *Central European Journal Medicine*(3), pp.335-343
- SAWIR, E., MARGINSON, S., DEUMERT, A., NYLAND, C. & RAMIA, G. (2008). Loneliness and international students: An Australian study. *Journal of Studies in International Education*, 12, 148–180.
- SEF(2011).*Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*, disponível na url:[[http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2011.pdf](http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf) ], consultado em 10/05/2012
- SEF (2012)A Imigração de Estudantes Internacionais para a União Europeia: O Caso Português
- SILVA, S.(1996). A mobilidade académica nos programas comunitários de apoio ao Ensino Superior. *Millenium*, 2:16-19 [em linha] <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/823> [consultado a 12/09/2012]
- SMART, J.F. & SMART, D.W. (1995).Acculturative stress: The experience of the Hispanic immigrant. *Counseling Psychology*, 23, pp. 25–42

- SPINELLI G.(2004). Models of European Double and Joint Degrees: A Need for Transparency.Engineering Conferences International
- TEREZINI, P.T.; RENDON, L.I.; UPCRAFT, M.L.; MILLAR, S.B.; ALLINSON, K.W.; GREGG, P.L. & JALOMO, R. (1994). The transition to college: diverse students, diverse stories. *Research in Higher Education*, 35 (1), 57-73.
- TOBLER, W.(1995) "Migration: Ravenstein, Thorntwaite, and Beyond", *Urban Geography*, 16,4:327-343
- TOWNSEND, P. & POH H. J. (2008): An Exploratory Study of International Students Studying and Living in a Regional Area, *Journal of Marketing for Higher Education*, 18:2, 240-263
- TRIANDIS, H. C. (1999) Cross-cultural psychology.*Asian Journal of Social Psychology* 2, pp. 127–143
- UNESCO (2009). Global Education Digest 2009 : Comparing Education Statistics Across the World, Disponível na url:[<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001894/189433e.pdf>] , consultado a 30/04/2012
- VELEZ DE CASTRO, F. (2012) – Imigração e territórios em mudança. Teoria e prática(s) do modelo de atracção-repulsão numa região de baixas densidades.*Cadernos de Geografia. no prelo*
- WARD, C. A., BOCHNER, S. & FURNHAM, A. (2001) *The psychology of culture shock*. Routledge, 2nd ed., New York (NY)
- WINTRE, M. G & SUGAR, L. (2000)"A Relationships with parents, personality, and the university transition". *Journal of College Student Development*, Vol 41(2), 202-214.
- Zgaga P.(2004). Joint Degrees – Problems and Developments, ERASMUS-EUDORA meeting. Linz, 15-18 [em linha] [www.seeeducoop.net/education\\_in/pdf/joint-degrees-problems-anddevelop-oth-enl-t02.pdf](http://www.seeeducoop.net/education_in/pdf/joint-degrees-problems-anddevelop-oth-enl-t02.pdf) [consultado a 12/10/2012]

## **ANEXOS**

## Anexo 1 - Inquérito



universidade de aveiro

Departamento de línguas e culturas

### INQUÉRITO PARA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO: ESTUDANTES MIGRANTES NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO – MOTIVAÇÕES E NECESSIDADES

O presente inquérito tem como principal objetivo conhecer e caracterizar estudantes com background migrante a frequentar estudos na Universidade de Aveiro.

#### INDICAÇÕES PARA PREENCHIMENTO

Para indicar a resposta faça um X no quadrado correspondente à opção escolhida ou preencha os espaços em branco para essa finalidade.

Por favor, tente responder fornecer respostas o mais completas possível sempre que lhe for solicitado.

Caso tenha alguma dúvida solicite ajuda parte do responsável pelo inquérito.

#### 1. Sexo

- a. Feminino
- b. Masculino

#### 2. Idade \_\_\_\_\_

#### 3. Nacionalidade \_\_\_\_\_

#### 4. Naturalidade (Concelho ou país caso tenha nascido no estrangeiro)

\_\_\_\_\_

#### 5. Estado civil

- a. Solteiro
- b. Casado
- c. Divorciado
- d. Viúvo

#### 6. Actualmente qual o seu estado profissional?

Em Portugal:

- a. Exerço uma actividade profissional a tempo inteiro
- b. Exerço uma actividade profissional e *part-time*
- c. Não exerço qualquer actividade profissional

No seu país de origem:

- a. Exerço uma actividade profissional a tempo inteiro
- b. Exerço uma actividade profissional e *part-time*
- c. Não exerço qualquer actividade profissional



7. Já participou em algum programa de mobilidade:

- a. Sim   
b. Não

Se sim, qual o nome do programa e o país onde fez a sua mobilidade

---

8. Alguma vez recebeu bolsa no ensino superior?

- a. Sim   
b. Não

9. Qual o ciclo de estudos que se encontra a frequentar:

- a. 1º Ciclo   
b. 2º Ciclo

10. Por favor preencha o quadro abaixo:

	Pai	Mãe
Nacionalidade		
Naturalidade		
Residência <sup>19</sup>		
Habilitações/profissão		

11. Tem alguma ligação familiar em Portugal:

- a. Sim   
b. Não

12. Com que regularidade mantém contacto com a sua família

---

13. Principalmente como é realizado o contacto:

- a. Telefone   
b. Carta   
c. Skype   
d. Facebook   
e. Outros: \_\_\_\_\_

14. Com que regularidade os visita

- a. Anualmente   
b. Durante os períodos de férias   
c. Mensalmente   
d. Semanalmente

15. Tem um grupo principal de amigos durante o ano lectivo:

---

<sup>19</sup> Concelho ou país caso esteja no estrangeiro

- a. Sim
- b. Não  ( avance para a pergunta 20)

16. Há quanto tempo convive com o seu grupo de amigos: \_\_\_\_\_

17. O seu grupo de amigos é composto por:

- a. Colegas de casa
- b. Colegas de curso
- c. Colegas de outros cursos
- d. Pessoas de fora da comunidade académica

18. No seu local de residência, tem um grupo fixo de amigos:

- a. Sim
- b. Não

19. Sai com regularidade durante a semana na época de aulas para sociabilizar?

- a.  \_\_\_\_\_ vezes por semana  nunca

20. Participa ativamente nas atividades levadas a cabo pelas diversas entidades existentes na UA?

- a. Sim
- b. Não

21. Durante o ano lectivo onde vive:

- a. Casa de amigos
- b. Casa de família(res)
- c. Apartamento compartilhado
- d. Residência

22. De 0 a 10( em que 0 é muito mau e 10 muito bom) como classificaria no geral o ambiente que vive no local onde reside durante a época de aulas: \_\_\_\_\_

23. Onde estudou:

Escolaridade	País
Pré-primário	
1º Ciclo	
2º Ciclo	
3º Ciclo (7º, 8º e 9º)	
10º e 11º	
12º	

24. Alguma vez reprovou um ano no curso que está atualmente a frequentar?

- a. Sim
- b. Não

25. Tem alguma cadeira em atraso?

- a. Sim
- b. Não

26. Qual a sua média neste momento(aproximadamente): \_\_\_\_\_ valores

27. Qual das duas metodologia de estudo prefere:

- a. Sozinho
- b. Grupo

28. Porque decidiu prosseguir estudos para o ensino superior:

- a. Realização pessoal
- b. Cumprir as expectativas da família
- c. Complementar estudos anteriores
- d. Outro0: \_\_\_\_\_

29. O que o levou a vir estudar para fora do seu país de origem?

- a. Conhecer uma nova cultura
- b. Contactar com uma nova realidade de ensino
- c. Busca por melhores condições de ensino
- d. A não existência do curso pretendido no país de origem
- e. Por questões económicas
- f. Maior proximidade a um ente querido
- g. Facilidade de acesso ao ensino
- h. Aquisição de um língua nova
- i. Motivos profissionais
- j. Outro: \_\_\_\_\_

30. Com que idade (aproximadamente) começou a ponderar fazer continuação de estudos para o estrangeiro: \_\_\_\_\_ anos de idade

31. O que o levou a escolher Portugal:

- a. Clima
- b. Baixo custo de vida
- c. Qualidade de ensino
- d. Proximidade à cultura do país de origem
- e. Conhecer a cultura dos meus antepassados
- f. Participação anterior em programa de mobilidade
- g. Possibilidade de prosseguir estudos com bolsa
- h. Outro: \_\_\_\_\_

32. O que o levou a escolher a Universidade de Aveiro

- a. Reputação
- b. Proximidade da casa de familiares
- c. Já conhecia a universidade
- d. Tinha pessoas conhecidas
- e. Custo de vida da cidade de Aveiro
- f. Unia universidade com curso pretendido
- g. Tinha familiares que já haviam frequentado
- h. Outro: \_\_\_\_\_

33. À chegada à UA, tinha alguém à sua espera para o(a) orientar:

- a. Sim
- b. Não  (passe a pergunta 35)

34. Onde/como o(a) conheceu:

- a. Internet
- b. Através de amigos ou familiares
- c. Através programa de mobilidade
- d. Outros : \_\_\_\_\_

35. Recebeu apoio/ajuda por parte de alguma organização ou associação quando chegou a Portugal?

- a. Sim
- b. Não

36. Classifique de 0 a 5( em que **0** é nenhuma e **5** muita) alguma alteração nos seus hábitos sociais que possa ter sentido: (Explo: Saídas nocturnas, Estudo em grupo, etc aulas): \_\_\_\_\_

37. Numa escala de 0 a 5 ( em que 0 é difícil e 5 fácil) classifique os seguintes itens:

Travar novas amizades no geral	
Travar novas amizades dentro do curso	
Realização de trabalhos de grupo	
Lidar com as diferenças linguísticas	
Lidar com as diferenças na metodologia de ensino	
Lidar com os docentes	

38. Alguma vez se sentiu sujeito a algum tipo de preconceito dada as suas origens:

- a. Sim, muitas vezes
- b. Algumas vezes
- c. Não, nunca

Se respondeu sim, por parte de quem (ex: colegas, docentes, funcionários, fora da universidade)

\_\_\_\_\_

**Muito obrigada pela sua colaboração**



## **INQUÉRITO PARA DISERTAÇÃO DE MESTRADO: ESTUDANTES MIGRANTES NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO – NECESSIDADES**

---

O presente inquérito tem como principal objetivo conhecer e caracterizar estudantes com background migrante a frequentar estudos na Universidade de Aveiro.

### **INDICAÇÕES PARA PREENCHIMENTO**

Escrever a resposta no espaço branco designado abaixo da pergunta.

Por favor, tente responder de modo a fornecer respostas o mais completas possível

Caso tenha alguma dúvida solicite ajuda parte do responsável pelo inquérito.

---

1. **Podes descrever como foi a tua chegada à UA no dia da inscrição?**  
-
2. **Sentiste alguma dificuldade aquando o momento de te instalares em Aveiro?**  
-
3. **Na sala de aula, deparaste-te com algum tipo de dificuldade em te relacionares com os teus colegas ou docentes?**  
-
4. **Alguma vez te sentiste alvo de algum tipo de preconceito ou comentário maldoso dentro da UA?**  
-
5. **Em termos de estrutura física da UA alguma vez sentiste algum tipo de problema?**  
-
6. **Conheces os diversos apoios fornecidos pela UA aos estudantes?**  
**Alguma vez sentiste necessidade de recorrer a algum deles?**  
-
7. **Consideras as praxes como um elemento propício à integração do aluno?**  
-
8. **Em termos de dificuldades e problemas e necessidades que tenhas na UA. Gostarias de acrescentar algum aspeto que não tenha sido mencionado?**

**Obrigada pela colaboração**